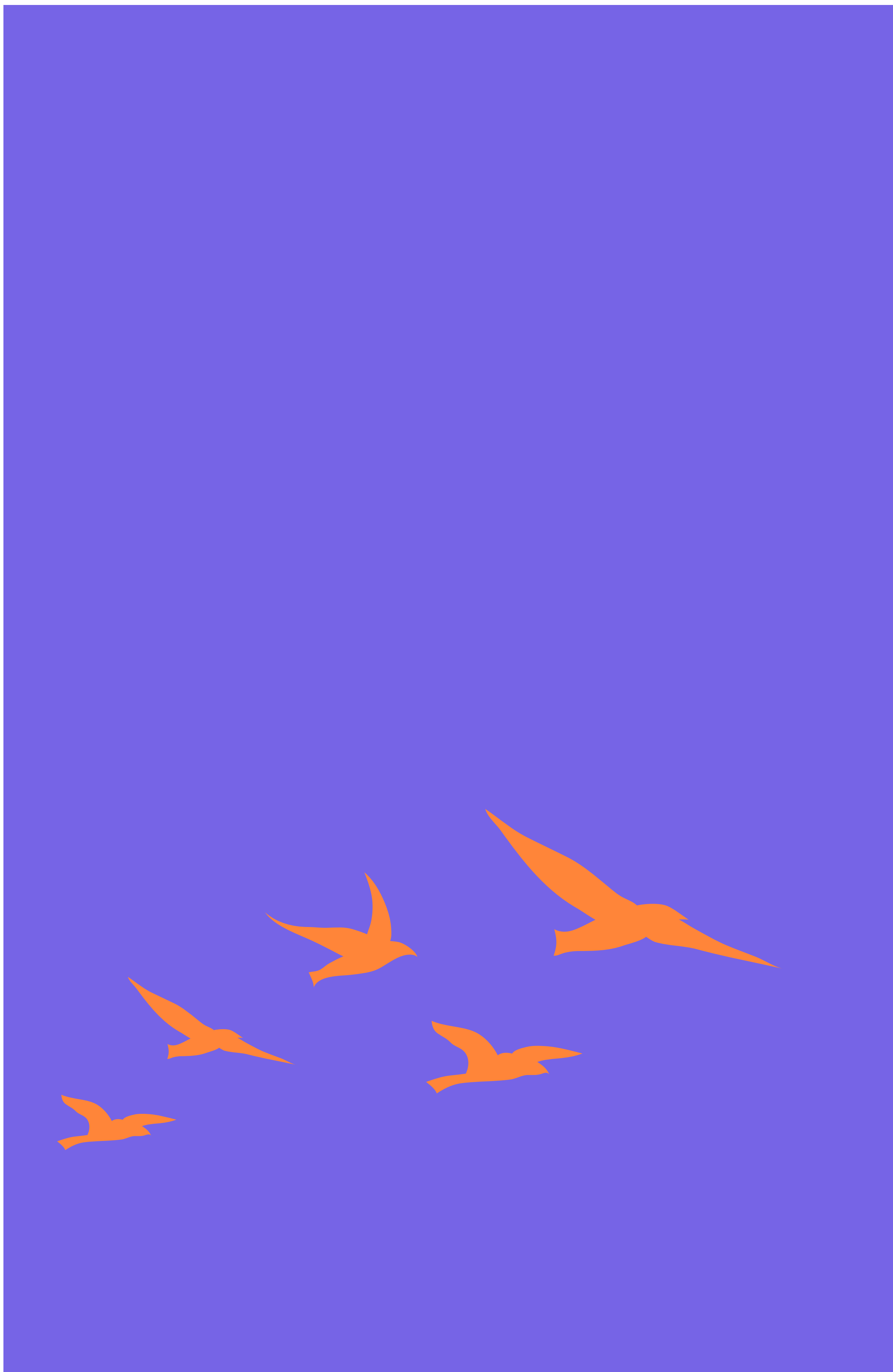


ADMIRÁVEL

MUNDO NOVO

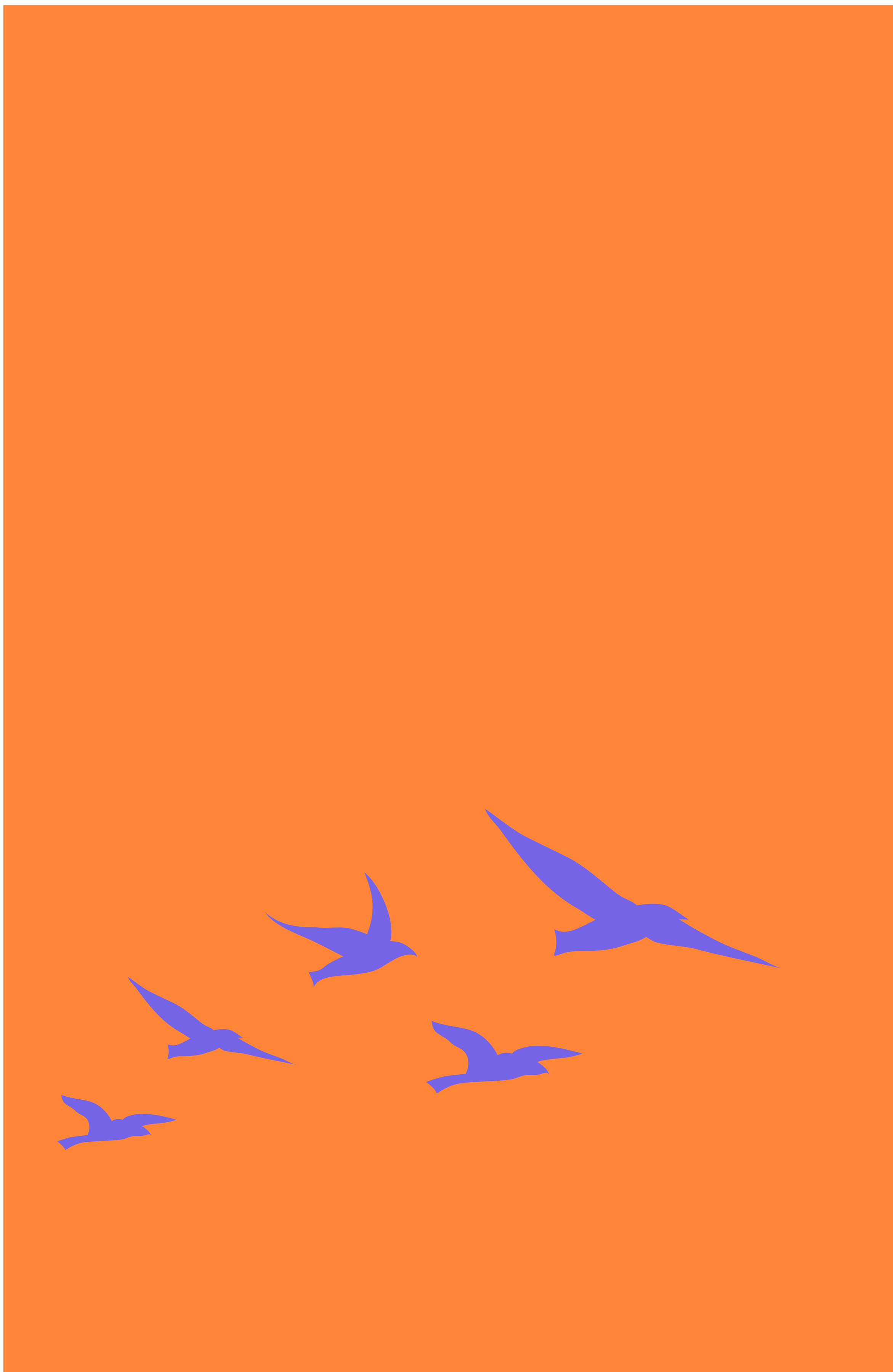


CADERNO DE TEMAS

2025_2026

ADMIRÁVEL

MUNDO NOVO



CADERNO DE TEMAS

2025_2026

© 2025 Equipas de Jovens de Nossa
Senhora

Equipas de Jovens de Nossa Senhora Rua
do Centro Cultural, n 5, R/C, Salas 9 e 11
1700-106 Lisboa

ejns.pt

*Agradecemos a todos os que ajudaram
as EJNS a preparar este caderno.*

Padre Lourenço Lino

Assunção Cristas

Francisco Mendes Correia

Margarida Bragança

Lívia Franco

Rita Sacramento Monteiro

Joana Corrêa Monteiro

Tomás Virtuoso

Pedro Viana

Mariana Reis

ÍNDICE

CADERNO DE TEMAS 2025-2026

Setembro *O Retrato de Dorian Gray*
Sobre a Pessoa Humana

Outubro *Mulherzinhas*
Sobre a Família

Novembro *Frankenstein*
Sobre a Inteligência Artificial

Dezembro *1984*
Sobre os Novos Media

ÍNDICE

CADERNO DE TEMAS 2025-2026

Janeiro *Por quem os sinos dobram*
Sobre Vocação e Profissão

Fevereiro *Crime e Castigo*
Sobre a Justiça

Março *O mercador de Veneza*
Sobre a Economia

Abril *O príncipe*
Sobre a Política

Mai *O Cântico das Criaturas*
Sobre a Ecologia Integral

Junho *Guerra e Paz*
Sobre a relação entre as nações

Sobre o caderno

Este caderno que hoje chega às vossas mãos será o fio condutor das nossas reuniões ao longo de todo o ano. O seu coração é a Doutrina Social da Igreja (DSI), um verdadeiro tesouro que a Igreja oferece para iluminar a vida concreta de cada pessoa e a organização da sociedade à luz do Evangelho.

Vivemos um tempo de mudança e esperança. A eleição do novo Papa Leão XIV recorda-nos que, em cada época, o Espírito Santo suscita na Igreja pastores capazes de dialogar com os desafios do seu tempo. O próprio nome escolhido pelo Papa é um sinal: tal como Leão XIII, que no final do século XIX lançou as bases da Doutrina Social com a encíclica *Rerum Novarum*, também hoje Leão XIV nos chama a olhar para o mundo com coragem, inteligência e fé, oferecendo respostas cristãs a problemas antigos e novos — do trabalho à tecnologia, da pobreza à ecologia, das guerras à paz entre os povos.

A história da Igreja mostra que Deus tem um plano de amor para toda a humanidade: quer que vivamos como irmãos, construindo uma sociedade justa, solidária e promotora da dignidade de cada pessoa. A fé nunca se separa da vida; ao contrário, envia-nos a ser sal da terra e luz do mundo, transformando estruturas injustas e sendo presença de esperança onde há dor e exclusão.

A Igreja, como Povo de Deus, caminha com a humanidade, escutando, discernindo e propondo à luz do Evangelho caminhos de reconciliação, desenvolvimento integral e paz. A Doutrina Social é a expressão concreta dessa missão: oferece princípios seguros para pensar e agir, ajudando-nos a unir fé e compromisso no mundo.

O objetivo não é apenas aprender, mas viver: transformar a fé em compromisso, a oração em serviço, o estudo em ação transformadora.

Que este caderno seja, portanto, um instrumento de discernimento e de missão. Que, inspirados pelo Evangelho, pela tradição viva da Igreja e pelo impulso do Papa Leão XIV, possamos ser jovens capazes de sonhar com uma humanidade reconciliada, uma sociedade justa e um mundo em paz, sinal visível do Reino de Deus que já está no meio de nós e que ainda esperamos em plenitude

Façamos este caminho, na certeza de que vamos juntos, com Maria Nossa Mãe, até Jesus, para que o plano de Deus para a humanidade se realize também através das nossas mãos, mentes e corações.

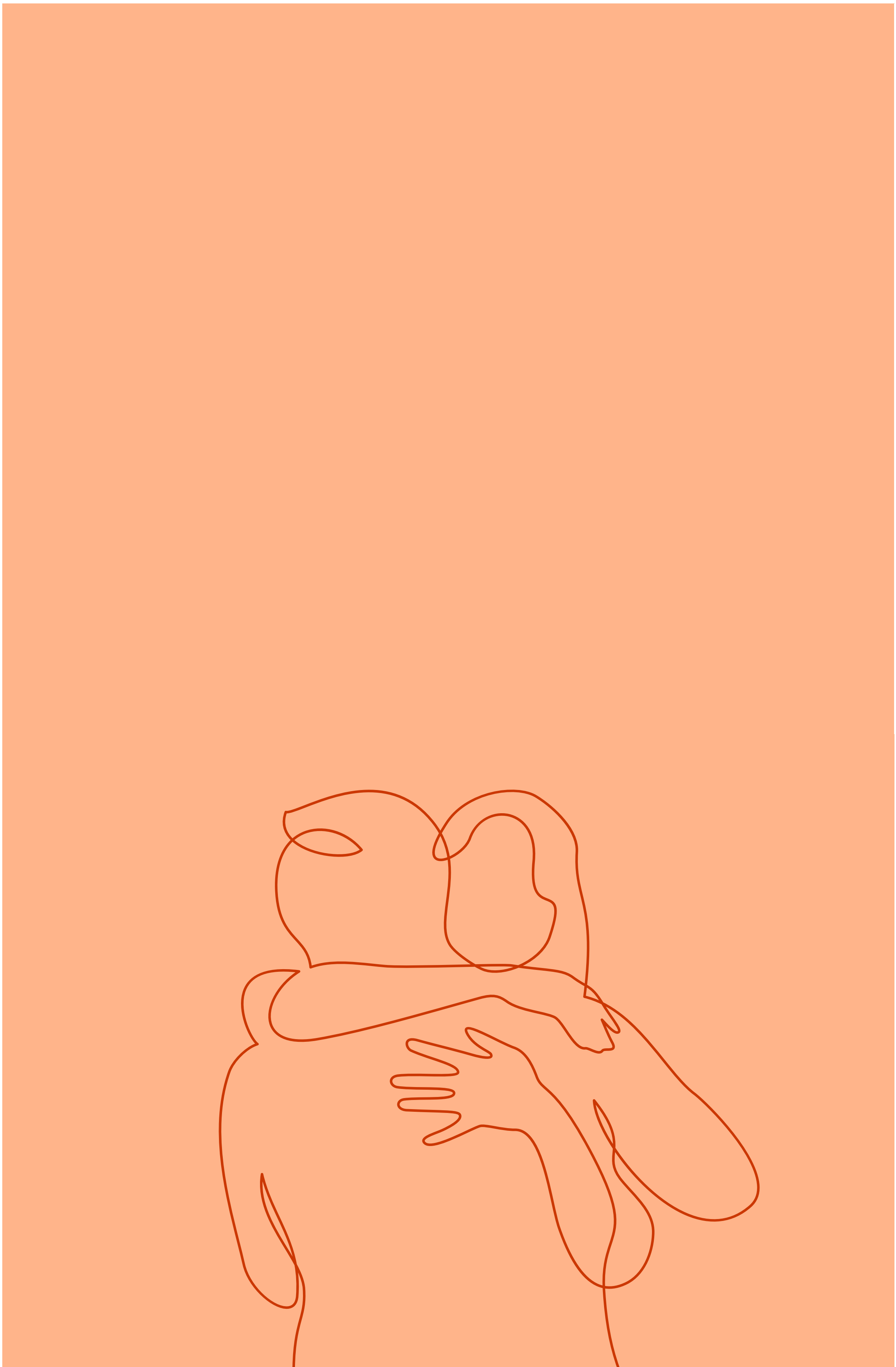


A Doutrina Social da Igreja é caridade na verdade. Ela é anúncio da verdade do amor de Cristo na sociedade. Esta doutrina, ao propor princípios e critérios, não quer se impor àqueles que não partilham a fé; quer antes servir o homem, iluminando-o com a luz do Evangelho para que possa compreender melhor a dignidade da sua vocação e a grandeza do seu destino. É tarefa dos fiéis leigos, em particular, animar cristãmente as realidades temporais, para que a vida social, econômica e política seja permeada de espírito evangélico e alcance cada vez mais a sua finalidade humana e cristã.

Papa Bento XVI, Caritas in Veritate, n.5 (2009)

O RETRATO

DE DORIAN GRAY



SOBRE

A PESSOA HUMANA



Deus disse: «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. [...] Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e criou-os homem e mulher.

GN 1, 26-27

A reflexão cristã sobre a pessoa humana parte da certeza fundamental de que cada ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus, e por isso possui uma dignidade inalienável. Esta verdade ilumina toda a Doutrina Social da Igreja e desafia-nos a reconhecer que a nossa identidade não se reduz às nossas capacidades, conquistas ou estatuto social, mas radica no simples facto de sermos amados por Deus e chamados à comunhão com Ele e com os outros. Vamos procurar compreender melhor estas ideias e ver que implicações práticas podem ter na nossa vida e nas nossas relações.

PARA COMEÇAR

Do Livro dos Génesis

^{26*}Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.» ^{27*}Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. ^{28*}Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra.» ^{29*}Deus disse: «Também vos dou todas as ervas com semente que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto com semente, para que vos sirvam de alimento. ^{30*}E a todos os animais da terra, a todas as aves dos céus e a todos os seres vivos que existem e se movem sobre a terra, igualmente dou por alimento toda a erva verde que a terra produzir.» E assim aconteceu. ^{31*}Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o sexto dia.

Do Livro de Isaías

¹E agora, eis o que diz o SENHOR,
o que te criou, ó Jacob,
o que te formou, ó Israel:
«Nada temas, porque Eu te resgatei,
e te chamei pelo teu nome; tu és meu.
²Se tiveres de atravessar as águas, estarei contigo,
e os rios não te submergirão.
Se caminhares pelo fogo, não te queimarás,
e as chamas não te consumirão.
³Porque Eu, o SENHOR, sou o teu Deus;
Eu, o Santo de Israel, sou o teu salvador.
Entrego o Egito por teu resgate,
a Etiópia e Seba em troca de ti.
⁴Visto que és precioso aos meus olhos,
que te estimo e te amo,
entrego reinos em teu lugar,

e nações, em vez da tua pessoa.

⁵Não tenhas medo, que Eu estou contigo.

Trarei do Oriente os teus filhos,

e congregarei do Ocidente os que te pertencem.

⁶Direi ao Norte: 'Devolve-os!'

E ao Sul: 'Não os retenhas!'

Tragam-me os meus filhos lá de longe,

e as minhas filhas dos confins da terra.

⁷São todos aqueles que têm o meu nome,

que Eu criei para a minha glória,

que Eu fiz e formei.»

PARA O TEMA

Toda a Doutrina Social da Igreja assenta na ideia fundamental de que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus – é, por isso, alguém e não apenas alguma coisa. É uma pessoa.

Usamos hoje o conceito “pessoa” quase sem pensar. Mas ajuda compreender que ele tem uma história, e que foi primeiro usado pelos Padres da Igreja para referir as pessoas Trinitárias – Pai, Filho e Espírito Santo. É por isso também que o Compêndio da Doutrina Social da Igreja começa com uma reflexão sobre a Santíssima Trindade, o que é muito significativo, pois ilumina esta verdade inicial fundamental: que somos criados à imagem e semelhança de Deus, e de um Deus que é unidade na comunhão, na relação entre cada uma das três pessoas da Santíssima Trindade. Sobressaem dois pontos importantes: primeiro, que para perceber verdadeiramente o que e quem somos, devemos perceber quem é Deus (aceitando também o limite do nosso entendimento finito perante o mistério infinito de Deus); segundo, que, já que o conceito de pessoa indica ao mesmo tempo unidade e comunhão, identidade e abertura à relação, a dimensão relacional nos constitui fundamentalmente, somos feitos para ser abertos a outros. Como está explicado no texto do Compêndio da Doutrina Social da Igreja, “As páginas do primeiro livro da Sagrada Escritura, que descrevem a criação do homem e da mulher à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26-27), encerram um ensinamento fundamental sobre a identidade e a vocação da pessoa humana. Dizem-nos que a criação do homem e da mulher é um ato livre e gratuito de Deus; que o homem e a mulher constituem, porque livres e inteligentes, o tu criado de Deus e que somente na relação com Ele podem descobrir e realizar o significado autêntico e pleno de sua vida pessoal e social; que estes, precisamente na

criado; que a eles, que são o ápice da criação, o Criador confia a tarefa de ordenar segundo o desígnio do seu Criador a natureza criada (cf. Gn 1, 28).” Assim, somos criados por um gesto gratuito do amor de Deus e percebemos também que a nossa realização depende das “relações de amor, de justiça e de solidariedade com outras pessoas” (DSI 36) que estabelecemos com outras pessoas. Criados por Amor, somos desejo e abertura ao Amor. Esta é a origem da nossa dignidade: não está nas nossas capacidades, na nossa saúde, na nossa utilidade social ou económica, nem sequer no nosso comportamento moral. Está no simples facto de existirmos como criaturas amadas, chamadas à comunhão com o seu Criador.

É por isso também que a Igreja vê, em cada pessoa humana, “a imagem do próprio Deus vivo” (DSI 105) e assume a tarefa de chamar cada um de nós à “mais altíssima vocação”, que consiste na união cada vez mais consciente e próxima com Jesus. Como cristãos, esta é também a nossa missão evangelizadora. Cada pessoa, independentemente das suas circunstâncias, possui um valor inalienável. Este é o sentido ontológico da dignidade humana - como recorda a recente declaração Dignitas Infinita (2024), “a dignidade é própria do ser humano enquanto tal; não é atribuída por nenhum poder, nem depende do reconhecimento de outros”, a dignidade que pertence ao ser.

Podemos, por isto dizer que a Doutrina Social da Igreja se poderia quase resumir na ideia de que cada pessoa merece, apenas pelo que é, o nosso amor e reverência, já que nela está a imagem do próprio Deus e o objecto do Seu amor infinito - aqui radicam os seus vários princípios e ensinamentos. Para ajudar a compreender o alcance desta verdade fundamental, pode ajudar a lembrar alguns aspectos da vida, obra e espiritualidade de uma mulher extraordinária que a encarnou radicalmente, no século XX: a Serva de Deus Dorothy Day.

Dorothy Day (1897-1980) foi uma das fundadoras do movimento Catholic Worker, e a causa para a sua canonização está em curso. Convertida ao catolicismo depois de uma juventude marcada por profundas inquietações políticas e pessoais, reconheceu na fé união fundamental entre justiça social, caridade e contemplação. O reconhecimento e reverência que tinha pelo valor de cada pessoa, em quem via o próprio Jesus presente, eram o que a fazia recusar tratar os pobres como números ou estatísticas e afastar-se de lógicas assistencialistas que os reduziam a objectos de

caridade. Eram também a razão pela qual não se cansou de recordar que não foi a estados que Jesus recomendou a realização das obras de misericórdia, mas a pessoas, a nós – Dorothy Day reconhecia a liberdade como do fundamental de Deus e marca da pessoa humana, e opunha-se a qualquer tentativa da sua eliminação ou substituição. E eram ainda o que a levava a enfrentar injustiças, participando em greves ao lado de operários, escrevendo artigos denunciando salários injustos e resistindo publicamente ao militarismo e à corrida ao armamento, sublinhando que a paz não é apenas ausência de guerra, mas o fruto da justiça. E mesmo quando foi presa por protestar, viu no sofrimento partilhado com os mais fracos uma forma de comunhão com Cristo pobre e humilhado. Na sua espiritualidade, a Eucaristia e a hospitalidade eram inseparáveis: o Corpo de Cristo recebido no altar levava-a a acolher o Corpo de Cristo que batia à porta faminto, doente ou embriagado. Dorothy Day não falava da dignidade humana em termos abstratos; ela ajoelhava-se perante Cristo presente no próximo. Assim, a sua vida mostra que a doutrina social da Igreja não é apenas teoria, mas prática exigente: uma forma de viver que honra radicalmente a pessoa humana, sobretudo nas suas fragilidades.

PARA DISCUTIR

- Nas nossas relações, deixamo-nos sucumbir a lógicas mundanas que fazem depender o valor de cada pessoa do sucesso – social, material, académico, profissional? Como? E o que podemos fazer para o evitar?
- Como tratamos aqueles que, à nossa volta, não “cumprem” estes critérios mundanos de sucesso?
- Reconhecemos em nós próprios, apesar das nossas falhas, dos nossos pecados, a dignidade de verdadeiros filhos de Deus, amado incondicionalmente pelo Criador do Universo? Como podemos alimentar essa consciência?
- Muitas vezes, as nossas fragilidades fazem-nos não nos portar à altura da nossa vocação mais profunda. Dorothy Day falava também da necessidade de criar um mundo, ou de criar comunidades, “em que fosse fácil ser bom” – o que implica a recusa daquilo que nos impede disso e compromete a nossa liberdade. Como entendemos esta sugestão? O que podemos fazer por isso?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Lê as páginas 60 a 89 do DOCAT, sobre a pessoa humana: única e infinitamente valiosa.

Identifica em que dimensões da tua vida precisas de renovar e converter o olhar para reconhecer o valor infinito da pessoa humana e escolhe um compromisso concreto que te ajude a fazê-lo.

PARA APROFUNDAR

Compêndio da Doutrina Social da Igreja, capítulos I e II

Encíclica Evangelium Vitae, do Papa João Paulo II:

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html

Mensagem do Papa Bento XVI para o Dia Mundial da Paz de 2007:

https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20061208_xl-world-day-peace.html

Declaração Dignitas Infinita sobre a dignidade humana:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_dof_doc_20240402_dignitas-infinita_po.html

A Longa Solidão, Dorothy Day, Lucerna, 2019

The Duty of Delight, Dorothy Day, Day and Ellsberg - Image Books, 2011

PARA REZAR

Deus Onnipotente,
que estais presente em todo o universo
e na mais pequenina das vossas criaturas,
Vós que envolveis com a vossa ternura
tudo o que existe,
derramai em nós a força do vosso amor
para cuidarmos da vida e da beleza.
Inundai-nos de paz,
para que vivamos como irmãos e irmãs
sem prejudicar ninguém.
Ó Deus dos pobres,
ajudai-nos a resgatar
os abandonados e esquecidos desta terra
que valem tanto aos vossos olhos.
Curai a nossa vida,
para que protejamos o mundo
e não o depredemos,
para que semeemos beleza
e não poluição nem destruição.
Tocai os corações
daqueles que buscam apenas benefícios
à custa dos pobres e da terra.
Ensinai-nos a descobrir o valor de cada coisa,
a contemplar com encanto,
a reconhecer que estamos profundamente unidos
com todas as criaturas
no nosso caminho para a vossa luz infinita.
Obrigado porque estais connosco todos os dias.
Sustentai-nos, por favor, na nossa luta
pela justiça, o amor e a paz

(Laudato Si, Papa Francisco)

MULHERZINHAS



SOBRE

FAMÍLIA



Deus abençoou-os e disse-lhes: «Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei e submetei a Terra.».

GN 1, 28

O tema da família é um dos temas mais essenciais da vida da Igreja, não só na sua Doutrina Social – isto é, no modo como o cristianismo oferece critérios à organização das sociedades –, mas mesmo no modo como entendemos o anúncio cristão em si mesmo e até a identidade da Igreja. Poderíamos ir mais longe, e reconhecer que sem uma reflexão sobre a família não nos é possível sequer compreender a revelação cristã sobre quem é Deus. Jesus ensina-nos que Deus é «Pai» e fala de Si como «Filho». Na unidade do Espírito Santo, Deus é uma Trindade, uma família divina.

Refletir sobre a família é essencial. O assunto é demasiado grande para poder ser tratado de maneira completa numa reunião de Equipa. Neste tema, o que vos é proposto é mais modesto, e podemos resumir em dois objetivos: considerar o que significa «família»; compreender a centralidade da família na Doutrina Social da Igreja, aprendendo a olhar todos os seus temas a partir desse belíssimo prisma.

Se conseguirmos assimilar estes dois aspetos, já ultrapassamos muitas dificuldades e perigos.

Em primeiro lugar, porque as sociedades e culturas ocidentais têm conduzido a uma definição muito fluida – e progressivamente mais indefinida – do que é a família. Cada vez mais, entende-se que família pode ser qualquer coisa, ao arbítrio de cada um. Qualquer relação ou mesmo nenhuma relação podem hoje configurar um tipo original de família. Mas se por «família» podemos querer dizer quase tudo, então já não dizemos nada, a família torna-se irrelevante. Perguntamos, por isso: o que é «família» para a Igreja e qual o fundamento do que Ela nos ensina?

Em segundo lugar, porque a defesa da família torna-se um «fiel da balança» no equilíbrio de toda a Doutrina Social. Evita o extremo individualista das ideologias liberais, em que o indivíduo é tudo e pode tudo, apenas limitado pelo espaço de liberdade do indivíduo seguinte. Evita o extremo das ideologias estatistas, de esquerda ou de direita, em que o Estado, no pretexto de defender toda a sociedade, atropela direitos e limites que excedem a legitimidade do seu poder. Como cristãos, temos este dever: amar a família e apresentá-la como projeto de felicidade ao mundo de hoje!

PARA COMEÇAR

No início desta reunião, pedimos a luz do Espírito Santo e lemos um excerto do Evangelho que nos relata uma ida da Sagrada Família ao Templo de Jerusalém.

Todos: Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor.

V/ Enviai, Senhor, o vosso Espírito e tudo será criado.

R/ E renovareis a face da terra.

V/ Oremos. Ó Deus, que instruíis o coração dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito, e gozemos sempre das suas consolações. Por Cristo, nosso Senhor.

Do Evangelho segundo São Lucas

Lc 2, ⁴¹Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, pela festa da Páscoa.

⁴²Quando Ele chegou aos doze anos, subiram até lá, segundo o costume da festa.

⁴³Terminados esses dias, regressaram a casa e o menino ficou em Jerusalém, sem que os pais o soubessem.

⁴⁴Pensando que Ele se encontrava na caravana, fizeram um dia de viagem e começaram a procurá-lo entre os parentes e conhecidos.

⁴⁵Não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém, à sua procura.

^{46*}Três dias depois, encontraram-no no templo, sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas.

⁴⁷Todos quantos o ouviam, estavam estupefactos com a sua inteligência e as suas respostas.

⁴⁸Ao vê-lo, ficaram assombrados e sua mãe disse-lhe: «Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!» ^{49*}Ele respondeu-lhes: «Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?»

^{50*}Mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse.

⁵¹Depois desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração. ^{52*}E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens.

Em silêncio, cada um pode reler este Evangelho. Procura imaginar esta cena. Como a Sagrada Família peregrina junta a Jerusalém... Como Maria e José procuram Jesus... Como Jesus é submisso aos seus pais, mas revela acima de tudo Deus como seu Pai... Como Maria guarda tudo no coração... Como Jesus, sendo Deus, cresce como homem numa família humana.

Terminem a oração rezando este salmo.

Salmo 128 (127)

Feliz de ti, que temes o Senhor *
e andas nos seus caminhos.
Comerás do trabalho das tuas mãos *
serás feliz e tudo te correrá bem.
Tua esposa será como videira fecunda *
no íntimo de teu lar;
teus filhos como ramos de oliveira *
ao redor da tua mesa.
Assim será abençoado *
o homem que teme o Senhor.
De Sião te abençoe o Senhor *
vejas a prosperidade de Jerusalém, †
todos os dias da tua vida,
e possas ver os filhos dos teus filhos. *
Paz a Israel!
Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo *
como era no princípio, agora e sempre. Amen.

PARA O TEMA

O que é a família?

A família é uma sociedade natural, fundada no matrimónio entre homem e mulher, a primeira em que cada um de nós se integra e desenvolve. É «sociedade», porque é uma comunidade entre pessoas; é «natural», porque deriva da complementaridade (natural) entre os dois sexos, com a sua capacidade de gerar novas vidas. É, por isso mesmo, também a primeira: porque cada um de nós, só pelo facto de existir, já traz nos seus genes uma árvore genealógica. Antes que houvesse quaisquer outras sociedades, que existem e deixam de existir, já existia família, porque a família é tão antiga quanto o ser humano.

O Catecismo da Igreja Católica ensina, com simplicidade: «Um homem e uma mulher, unidos em matrimónio, formam com os seus filhos uma família» (Cat. 2202). E acrescenta: «Ao criar o homem e a mulher, Deus instituiu a família humana e dotou-a da sua constituição fundamental» (Cat. 2203).

É por isso que podemos dizer e repetir: *a família é tão antiga como o ser humano*. No momento da criação do homem e da mulher, está a criação da família.

A família está na criação de Deus

Para compreendermos isto, visitamos o Livro do Génesis, que nos oferece em dois momentos a narração da criação do homem e da mulher.

Na primeira narração, o autor conta a criação de todas as coisas em seis dias, findos os quais Deus descansou, consagrando para isso o sétimo dia. No sexto dia, Deus decide criar o ser humano à sua «imagem e semelhança» (cf. Gn 1, 24-26). O relato prossegue: «Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra”» (Gn 1, 27-28).

Como vemos, Deus cria o ser humano como «homem e mulher», confiando-lhes imediatamente a missão de crescerem e de se multiplicarem.

Na segunda narração, o relato é um pouco diferente. Diz-se que «o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo» (Gn 2, 7), tendo Deus depois plantado um jardim que mandou ao homem guardar e cultivar (cf. v. 15). Contudo, Deus observa depois: «Não é bom que o homem esteja só» (v. 18). Ao homem, que não encontrara nos animais «auxiliar semelhante a ele», Deus retira uma costela para dela formar a mulher, acerca da qual o homem diz: «Esta é realmente osso dos meus ossos e carne da minha carne» (cf. Gn 2, 19-23). O texto bíblico acrescenta: «Por isso, o homem deixará pai e mãe para se unir à sua mulher, e os dois serão uma só carne» (Gn 2, 24).

Repara na riqueza dos dois relatos: no primeiro, entendemos como o ser humano é originariamente criado como homem e mulher, e dessa comunhão deve gerar novas vidas, segundo o mandato de Deus. No segundo, imaginando o homem solitário e a mulher criada a partir dele, sublinha-se como a união entre os dois, semelhantes e diferentes entre si, é boa e necessária e faz de ambos uma só carne – de tal modo que, deixando a sua família de origem (pai e mãe), o homem procura a mulher (e vice-versa) e, na união com o sexo oposto, forma uma nova família, renovando assim a própria humanidade. O homem e a mulher são incompletos um sem o outro.

De um modo muito profundo, o Papa São João Paulo II abordou estes temas nas suas catequeses sobre a «Teologia do Corpo». Na catequese proferida no dia 9 de janeiro de 1980, comentando o confronto que o homem tem com a mulher quando ela é criada, o Papa escreve: «É justamente este significativo confronto que nos permite falar da revelação e ao mesmo tempo da descoberta do significado “esponsal” do corpo no mistério da criação.» (Teologia do Corpo, I.4, n. 5). Uns parágrafos antes, tinha dito o Papa: «Quando Deus Javé diz que “não é bom que o homem esteja só”, afirma que, “sozinho”, o homem não realiza completamente a sua essência. Apenas a realiza totalmente existindo “com alguém” – e ainda mais profunda e completamente “para alguém”» (TC, I.4, n. 2).

Assim, a família, baseada na união entre o homem e a mulher, está na própria criação: a) porque cada um de nós é gerado dela, e vimos à existência como filhos de um pai e de uma mãe; b) porque cada um de nós é homem ou mulher, e na união com o sexo oposto, realizamos a vocação sponsal que está inscrita na nossa natureza sexuada e que, pela fecundidade com que Deus a abençoa, nos torna pais e mães de outros.

Na segunda narração, o relato é um pouco diferente. Diz-se que «o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo» (Gn 2, 7), tendo Deus depois plantado um jardim que mandou ao homem guardar e cultivar (cf. v. 15). Contudo, Deus observa depois: «Não é bom que o homem esteja só» (v. 18). Ao homem, que não encontrara nos animais «auxiliar semelhante a ele», Deus retira uma costela para dela formar a mulher, acerca da qual o homem diz: «Esta é realmente osso dos meus ossos e carne da minha carne» (cf. Gn 2, 19-23). O texto bíblico acrescenta: «Por isso, o homem deixará pai e mãe para se unir à sua mulher, e os dois serão uma só carne» (Gn 2, 24).

Repara na riqueza dos dois relatos: no primeiro, entendemos como o ser humano é originariamente criado como homem e mulher, e dessa comunhão deve gerar novas vidas, segundo o mandato de Deus. No segundo, imaginando o homem solitário e a mulher criada a partir dele, sublinha-se como a união entre os dois, semelhantes e diferentes entre si, é boa e necessária e faz de ambos uma só carne – de tal modo que, deixando a sua família de origem (pai e mãe), o homem procura a mulher (e vice-versa) e, na união com o sexo oposto, forma uma nova família, renovando assim a própria humanidade. **O homem e a mulher são incompletos um sem o outro.**

De um modo muito profundo, o Papa São João Paulo II abordou estes temas nas suas catequeses sobre a «Teologia do Corpo». Na catequese proferida no dia 9 de janeiro de 1980, comentando o confronto que o homem tem com a mulher quando ela é criada, o Papa escreve: «É justamente este significativo confronto que nos permite falar da revelação e ao mesmo tempo da descoberta do significado “esponsal” do corpo no mistério da criação.» (Teologia do Corpo, I.4, n. 5). Uns parágrafos antes, tinha dito o Papa: «Quando Deus Javé diz que “não é bom que o homem esteja só”, afirma que, “sozinho”, o homem não realiza completamente a sua essência. Apenas a realiza totalmente existindo “com alguém” – e ainda mais profunda e completamente “para alguém”» (TC, I.4, n. 2).

Assim, a família, baseada na união entre o homem e a mulher, está na própria criação: a) porque cada um de nós é gerado dela, e vimos à existência como filhos de um pai e de uma mãe; b) porque cada um de nós é homem ou mulher, e na união com o sexo oposto, realizamos a vocação sponsal que está inscrita na nossa natureza sexuada e que, pela fecundidade com que Deus a abençoa, nos torna pais e mães de outros.

A família está antes e no centro da sociedade

Quando compreendemos esta visão da família, concluímos que ela não pode ser reduzida a um conceito sociológico ou cultural. **Nenhuma sociedade inventou a família ou o casamento**, nem são monopólio de nenhuma cultura. O dever das sociedades é reconhecer a família e guardá-la – não podem reconfigurá-la no essencial. A Igreja afirma: «Iluminada pela luz da mensagem bíblica, a Igreja considera a família a primeira sociedade natural, titular de direitos próprios e originários, e põe-na no centro da vida social» (Compêndio da Doutrina Social da Igreja, nº 211).

Dito de outro modo: as sociedades confrontam-se com a vida humana e com a família e devem organizar-se a partir delas. A família está antes do Direito positivo: pertence ao próprio Direito natural (cf. Léxico da Família, p. 364). Convém esclarecer estes conceitos:

Quando nos referimos ao Direito positivo, falamos daquelas leis que são «postas» (daí «positivo») por quem legisla, e pode ser alteradas e reconfiguradas. Por exemplo: em Portugal, o trânsito circula pela direita, mas no Reino Unido circula pela esquerda. Não há nada que diga que uma coisa é certa e outra errada, senão o Direito de cada um desses países. Por isso, quem circula à esquerda em Portugal desobedece à lei e deve ser punido, e o contrário no Reino Unido.

Mas o Direito natural está antes do Direito positivo: deriva da natureza das coisas. A proteção da vida humana, por exemplo, é de Direito natural. Todas as sociedades e seus Estados têm obrigação de legislar nesse sentido. Por isso, é ilegítimo criar leis que ofendam a dignidade da vida humana. Podemos olhar para o projeto do Holocausto de Hitler e dizer, com toda a certeza: mesmo que fosse «legal» do ponto de vista das leis do regime nazi, é ilegítimo e imoral porque desrespeita a Lei natural. Negar a Lei natural é permitir a tirania dos Estados e, ao extremo, tornar o seu poder ilimitado. Como cristãos, podemos acrescentar: Deus é o autor da Lei natural!

A família, porque está na natureza do ser humano, entra nesta lógica.

A família «nasce da íntima comunhão de vida e de amor fundada no matrimónio entre um homem e uma mulher» e é a **«célula primeira e vital da sociedade»** (Compêndio 211). «Nenhum poder pode abolir o direito natural ao matrimónio nem modificar-lhe as características e a finalidade» (Compêndio 215), que incluem a totalidade da doação mútua entre os

esposos e a sua unidade complementar, a indissolubilidade e a fidelidade desse pacto e a fecundidade que permite a geração de vida (cf. Compêndio 217), além do direito a educar os filhos (cf. Compêndio 218).

É na família que cada vida humana deve ser primeiro acolhida e amada, porque ela é o «lugar primário da “humanização”» (Compêndio 209), permitindo-nos crescermos como pessoas, capazes da relação com os outros. Nesse sentido, **«a vida da família é iniciação à vida em sociedade»** (Catecismo 2207).

Por isso mesmo, «uma sociedade à medida da família é a melhor garantia contra toda a deriva de tipo individualista ou coletivista, porque nela a pessoa está sempre no centro da atenção enquanto fim e nunca como meio» (Compêndio 213).

De facto, afirmar apenas o indivíduo e a sua liberdade fere a natureza social do ser humano e leva por isso à destruição das sociedades e do próprio homem, porque «não é bom que o homem esteja só» (Gn 2, 18). Vemos com regularidade como o individualismo, doença dos nossos dias, nos faz pensar nos outros como instrumentos da nossa felicidade pessoal ou, pior, como adversários. E faz-nos mais infelizes!

Mas as ideologias coletivistas – como o fascismo, o nazismo ou o comunismo – também se opõem às famílias, porque organizam toda a sociedade em favor da defesa «do todo», e nesse caminho tudo o mais pode ser sacrificado. Quando, no seu romance distópico 1984, George Orwell projeta o apogeu destas sociedades, a família vê-se desmantelada e substituída pela fidelidade ao Big Brother, o Estado, que se substitui às famílias como único pai e educador de todos os cidadãos. E também este perigo se verifica nos nossos dias.

Podemos concluir:

- i) A família funda-se no matrimónio, que é a união íntima e estável entre um homem e uma mulher;
- ii) A família foi criada por Deus e revela a origem e a vocação do ser humano;
- iii) A família é anterior às sociedades e estas têm o dever de a defender;
- iv) Na família o ser humano descobre-se e cresce como ser social;
- v) A família deve estar no centro da sociedade e constitui a sua célula primeira e vital.

PARA DISCUTIR

- Como vê, na prática, a família como lugar que nos ensina a relação com os outros?
- Que devemos fazer para mostrar e defender a beleza e a centralidade da família – sem idealismos mas também sem derrotismos?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Lê a homilia que o Papa Leão XIV fez para o Jubileu das famílias, das crianças, dos avós e dos idosos. Ao longo deste mês, em cada ida à Missa e cada terço, pede a Deus pela tua família.

PARA APROFUNDAR

Catecismo da Igreja Católica 2197-2258, Gráfica de Coimbra.

Teologia do Corpo – O Amor Humano no Plano Divino, Catequese I-4 (pp. 121ss.), Alêtheia.

Compêndio da Doutrina Social da Igreja 209-254, Principia.

Léxico da Família – Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos, Principia.

PARA REZAR

Oração à Sagrada Família do Papa Francisco (Amoris Laetitia 325)

Jesus, Maria e José,
em Vós contemplamos
o esplendor do verdadeiro amor,
confiantes, a Vós nos consagramos.
Sagrada Família de Nazaré,
tornai também as nossas famílias
lugares de comunhão e cenáculos de oração,

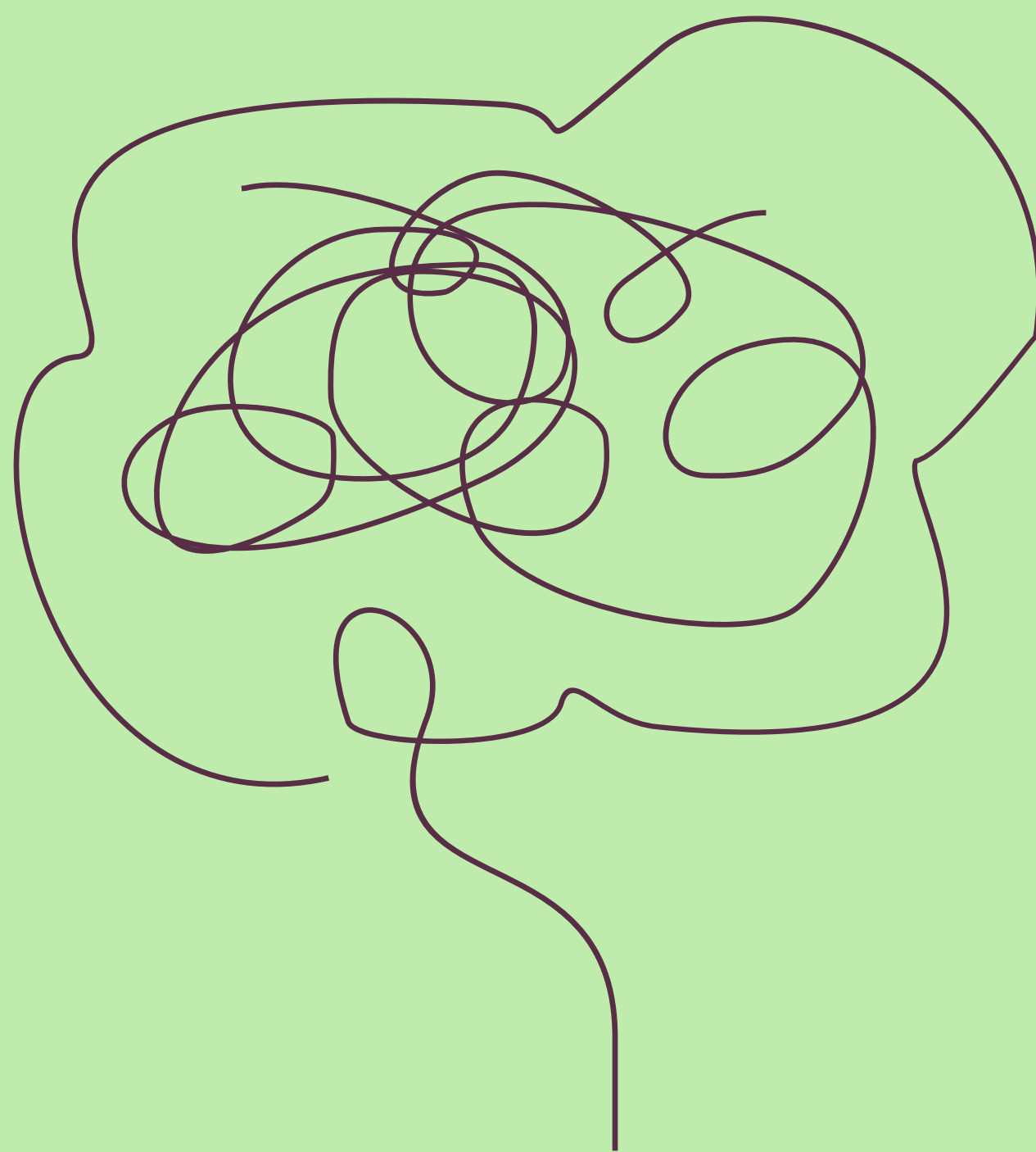
autênticas escolas do Evangelho
e pequenas igrejas domésticas.

Sagrada Família de Nazaré,
que nunca mais haja nas famílias
episódios de violência, de fechamento e divisão;
e quem tiver sido ferido ou escandalizado
seja rapidamente consolado e curado.

Sagrada Família de Nazaré,
fazei que todos nos tornemos conscientes
do carácter sagrado e inviolável da família,
da sua beleza no projeto de Deus.

Jesus, Maria e José,
ouvi-nos e acolhei a nossa súplica.
Amen.

FRANKENSTEIN



SOBRE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



A inteligência artificial e os recentes progressos tecnológicos baseiam-se na ideia dum ser humano sem limites, cujas capacidades e possibilidades se poderiam alargar ao infinito graças à tecnologia. Assim, o paradigma tecnocrático (isto é, «um modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano, que contradiz a realidade até ao ponto de a arruinar») alimenta-se monstruosamente de si próprio.

LAUDATE DEUM, 20

Poucos temas estarão hoje tão nas bocas do mundo como o tema deste mês: o papel que a inteligência artificial ocupa em tantas dimensões do nosso dia-a-dia. Face a isso, a Igreja vai sentindo a necessidade de responder aos novos problemas que um fenómeno como este levanta a partir do grande património que é a Doutrina Social da Igreja. A recente eleição do Papa Leão dá-nos conta disso mesmo. Vejamos o que diz o Santo Padre num dos seus primeiros discursos após a eleição: «Justamente por me sentir chamado a seguir nessa linha, pensei em adotar o nome de Leão XIV.

Na verdade, são várias as razões, mas a principal é porque o Papa Leão XIII, com a histórica Encíclica Rerum novarum, abordou a questão social no contexto da primeira grande revolução industrial; e, hoje, a Igreja oferece a todos a riqueza da sua doutrina social para responder a outra revolução industrial e aos desenvolvimentos da inteligência artificial, que trazem novos desafios para a defesa da dignidade humana, da justiça e do trabalho.» (Papa Leão, Discurso aos cardeais, 10 Maio 2025) A relevância dada pelo Papa a este tema não deixa margem para dúvidas: um jovem católico que queira viver enraizado neste tempo que Deus lhe dá a viver, de intensas transformações, tem que procurar ter um olhar esclarecido sobre a inteligência artificial, sem se deixar cair nem numa ingenuidade excessivamente optimista (incapaz de identificar claramente os riscos que ela traz) nem num certo espírito de “velho do Restelo” (incapaz de descobrir as potencialidades que a mesma comporta).

PARA COMEÇAR

Ó Espírito Santo,
Amor do Pai e do Filho,
Inspirai-me sempre:
O que devo pensar,
O que devo dizer,
O que devo calar,
O que devo escrever,
Como devo agir,
O que devo fazer,
Para a Vossa glória,
A salvação das almas e minha própria santificação.
Espírito Santo,
Deus de Amor,
Concede-me:
Uma inteligência que Te conheça;
Uma angústia que Te procure;
Uma sabedoria que Te encontre;
Uma perseverança que, enfim, Te possua.
Amen.

PARA O TEMA

O tema que aqui apresentamos não é para quem queira investigar a fundo o modo como a inteligência artificial funciona ou se estrutura – quem quiser saber mais sobre isso, terá de ir procurar noutro lado! Partimos do princípio que quem lê este texto, mesmo que conheça muito pouco ou nada do “como” da inteligência artificial, se confronta diariamente com algumas das suas aplicações, mais ou menos directamente, e portanto está a par de, pelo menos, alguns dos seus efeitos. Assim, queremos apenas lançar algumas pistas para a reflexão em equipa a partir do olhar integral sobre a pessoa, a sociedade e a tecnologia que nos é dado pela Doutrina Social da Igreja.

A inteligência artificial é um dom de Deus. Ao criar o Homem à Sua imagem e semelhança, Deus fê-lo como um ser inteligente, racional, capaz de colaborar com o Criador no «aperfeiçoamento da criação visível» (CIC, 378). As capacidades técnicas que os humanos de cada tempo vão desenvolvendo são sempre, por isso, um sinal desta confiança inicial de Deus no ser humano, ao entregar-lhe este dom da ciência para que o desenvolvesse e fizesse prosperar. E, como fruto dos recentes conhecimentos científicos e tecnológicos, a inteligência artificial, tal como nos recorda o Papa Francisco, «emerge precisamente do uso deste potencial criativo que Deus nos deu» (Discurso ao G7, 2024).

Contudo, **a inteligência artificial é apenas um instrumento.** Isto é, ela não tem em si a capacidade de definir a bondade do seu uso. Ainda que manifestamente mais complexa (sobretudo no que a autonomia diz respeito), não é em relação a este ponto muito diferente de um martelo ou de uma impressora. Se o primeiro (aplicado genericamente da mesma forma) pode servir para pregar um prego numa mesa que dele precisa ou para matar alguém e se a segunda, do mesmo modo, pode servir para imprimir mais uma edição da Bíblia Sagrada ou para fabricar notas falsas, isto significa que ambos precisam de um critério, que lhe seja exterior, para determinar o que é um bom ou um mau uso desse instrumento. E, na verdade, «como qualquer produto do engenho humano, também a inteligência artificial pode ser orientada para fins positivos ou negativos. Quando utilizada de forma a respeitar a dignidade humana e a promover o bem-estar dos indivíduos e das comunidades, pode contribuir favoravelmente para a vocação humana.

No entanto, como em todos os domínios em que o homem é chamado a tomar decisões, também aqui se estende a sombra do mal. Onde a liberdade do homem permite a possibilidade de escolher o que é mau, a avaliação moral desta tecnologia depende da forma como é endereçada e utilizada.» (Antiqua et Nova, 40)

Por muito desenvolvida que seja, **a inteligência artificial não é nunca uma inteligência humana**, na riqueza da sua complexidade (espiritual, cognitiva, emocional, relacional). De facto, embora a inteligência artificial já tenha atingido uma enorme capacidade de processamento de dados e de simulação de expressões de inteligência, ela permanece limitada a um «domínio lógico-matemático», enquanto «a inteligência humana se desenvolve continuamente, de forma orgânica, no decurso do crescimento físico e psicológico de uma pessoa», (AN, 31) sendo moldada por uma grande variedade de experiências vividas. E, para além disto, «uma vez que a inteligência artificial não possui a riqueza da corporeidade, da relacionalidade e da abertura do coração humano à verdade e ao bem, as suas capacidades, mesmo que pareçam infinitas, são incomparáveis com a capacidade humana de apreender a realidade». (AN, 33)

Ainda assim, é difícil negar que assistimos hoje a um crescimento muito rápido da importância relativa deste tipo de ferramentas. E tal dinâmica traz consigo um apelo indispensável: **quanto maior for o desenvolvimento da inteligência artificial, maior tem de ser a nossa exigência ética**. Se é verdade que «a tecnologia “deu remédio a inúmeros males que afligiam e limitavam o ser humano”, (...) nem todas as inovações tecnológicas representam, por si mesmas, um verdadeiro progresso.» (AN, 38). E, quanto a isto, o Papa Francisco faz-nos um aviso muito sério: «quando a técnica ignora os grandes princípios éticos, acaba por considerar legítima qualquer prática. (...) a técnica separada da ética dificilmente será capaz de autolimitar o seu poder.» (Laudato Si, 136)

Tendo em conta estes princípios, queremos agora olhar para algumas dimensões muito concretas da nossa vida, nas quais nos vamos cruzando com a inteligência artificial e que levantam questões complexas, que exigem clareza no nosso juízo ético.

Do “isto dá para fazer?” ao “é bom fazer isto?”

Como bem sabemos, a inteligência artificial traz grandes desafios a quem está a estudar. Ferramentas como o ChatGPT já são capazes de oferecer textos de grande qualidade, quanto ao conteúdo e quanto à forma (embora não estejam isentos de erros e imprecisões), que muitos estudantes facilmente usam a seu favor. E ainda que se possa aqui levantar o perigo de uma certa perda da capacidade de ter um pensamento crítico (correndo o risco de entregar esse dom tão grande que Deus nos deu a uma ferramenta artificial que pense por nós), pode bem ser um instrumento útil de apoio ao estudo.

Assim, a questão fundamental que cada vez mais se põe neste caso não é tanto de que se use programas de inteligência artificial, mas qual o fim para que se usa. Mais do que apenas perguntar se algo é útil, é preciso que nos perguntemos se é verdade! Isto é, no modo como hoje estudamos e fazemos trabalhos (ou até mesmo exames) com recurso a inteligência artificial, a utilidade ou a eficiência não podem ser critérios únicos, absolutos, mas têm que ser sempre acompanhados de uma exigência de amor à verdade, sem mentiras nem dissimulações, com honestidade e integridade.

Além disso, mais concretamente, uma boa forma de avaliar o modo como usamos a inteligência artificial nos estudos pode passar por saber: como é que eu estou a crescer com o uso desta ferramenta? Estou mais concentrado? Escrevo melhor? Estudo melhor? E não tanto pondo um foco excessivo nos resultados, mas sobretudo desejando pôr a render melhor nos estudos o dom divino da razão.

Nada substitui uma conversa cara a cara

Uma das dimensões que mais se tem desenvolvido na utilização concreta da inteligência artificial está relacionada com a natureza social do Homem, isto é, com a sua necessidade de entrar em contacto com outros e de com eles criar relações estáveis e duradouras. De modo crescente, proliferam aplicações antropomorfizadas (ou seja, que “imitam” características humanas) que, de maneiras muito variadas, oferecem a possibilidade de

simular respostas empáticas como “substitutos de relação” para pessoas que estão, muitas vezes, em situações de isolamento ou que apresentam dificuldades de interacção. A própria frequência com que se representa erradamente certas ferramentas de inteligência artificial como “pessoas” (com nome, voz, cara, ...) pode conduzir a um certo tipo de utilização pouco saudável dessas aplicações.

Seja este um problema nosso ou de alguém que nos rodeia, é indispensável ter consciência «que nenhuma aplicação de inteligência é capaz de sentir verdadeiramente empatia. As emoções não podem ser reduzidas a expressões faciais ou a frases geradas em resposta a pedidos dos utilizadores; ao contrário, as emoções são entendidas pela forma como uma pessoa, no seu todo, se relaciona com o mundo e com a sua própria vida, desempenhando o corpo um papel central.» (AN, 61). Por muito que a inteligência artificial nos possa ser útil, não a tornemos um substituto de amizades reais, de carne e osso.

Nem tudo o que vêes, ouves ou lêes é verdade

Nenhuma sociedade como aquela em que vivemos produziu e transmitiu tanta informação ao mesmo tempo. Tal facto, não sendo por si só negativo, traz exigências muito próprias. Não restam hoje dúvidas de que existe «um sério risco da inteligência artificial gerar conteúdos manipulados e informações falsas que, sendo muito difíceis de distinguir dos dados reais, podem facilmente induzir em erro». Para dificultar, a facilidade e a velocidade com que esses conteúdos se espalham pelas várias redes de informação é vertiginosa, o que exige que sejamos cada vez mais rigorosos com a qualidade daquilo que vemos, que ouvimos e que lemos, e com a credibilidade que lhe damos.

Por isso mesmo, «todos aqueles que produzem e utilizam a inteligência artificial devem empenhar-se na veracidade e exactidão das informações processadas por esses sistemas e divulgadas ao público». (AN, 86) Em caso de dúvida, joguemos pelo seguro. E procuremos sempre, apesar de todas as dificuldades, consumir informação de qualidade, mediada, com rigor factual. Também aí se joga o nosso amor à verdade.

O desejo que a IA não sacia

Vale a pena notar como certas correntes nos vão apresentando a inteligência artificial como uma encarnação da “deusa tecnologia”: ela parece estar presente em todas as dimensões (omnipresente), ela parece saber tudo sobre todos (omnisciente), ela parece ter uma capacidade infinita de superação, acabando por tudo poder (omnipotente). Curiosamente, também nisso se manifesta esta necessidade inegável que o Homem tem de procurar algo de absoluto que corresponda ao desejo mais íntimo do seu coração. E, desconhecendo ou recusando o Deus revelado em Jesus Cristo, vai encontrando substitutos... «Por isso, ao procurar na inteligência artificial um “Outro” superior com quem partilhar a sua existência e responsabilidade, a humanidade arrisca-se a criar um substituto de Deus. Em última análise, não é a inteligência artificial que é deificada e adorada, mas o ser humano, que se torna, assim, escravo da sua própria obra». (AN, 105)

Diante destas novas tentações de idolatria, precisamos de alimentar uma vida espiritual profunda e intensa, crescendo naquela interioridade própria do ser humano na sua relação com Deus, à qual nenhuma inteligência artificial consegue aceder. Aí encontraremos também a fonte da verdadeira sabedoria, que «é o dom de que a humanidade mais precisa para enfrentar as questões profundas e os desafios éticos colocados pela inteligência artificial». (AN, 113) Quanto mais não seja porque só dessa forma podemos saciar o desejo que trazemos marcado no coração de nos encontrarmos definitivamente com Aquele que nos criou, que nos sustenta e que nos espera.

PARA CONCLUIR

Muito se discute hoje a necessidade de os Estados terem um maior controle sobre estas ferramentas de inteligência artificial, com uma regulação mais adequada. Mas, ainda que tal possa ser justo e necessário, no melhor espírito da Doutrina Social da Igreja e do seu princípio da subsidiariedade (que nos ensina que as decisões devem ser tomadas o mais próximo possível das pessoas, respeitando a sua autonomia, sem interferências desnecessárias de entidades superiores), comecemos por nos regular a nós próprios! Não fiquemos à espera que o Estado ou a escola ou a universidade regulem, mas criemos as nossas próprias regras, com exigência e rigor, que nos ordenem para o bem no uso desta tecnologia.

No fim de contas, como em tudo na vida, o que é determinante diante da questão da inteligência artificial é procurar encontrar critérios sólidos iluminados pelo Evangelho. Se Jesus fosse chamado a usar estas ferramentas, como as usaria? Como é que a inteligência artificial nos pode ajudar a nós e à nossa geração a sermos santos? Sem lhe disfarçarmos os perigos ou ameaças mas também sem deixarmos de procurar, com seriedade, a melhor forma de a usar para o bem. Neste ano em que celebramos a canonização de São Carlo Acutis, um rapaz que soube tirar o melhor partido das novas tecnologias do seu tempo para evangelizar e levar Jesus ao mundo, peçamos-lhe a sua intercessão para termos um olhar justo e equilibrado sobre a inteligência artificial e para, também por meio dela, podermos avançar no caminho de santidade.

PARA DISCUTIR

- Reconheço a inteligência artificial como uma oportunidade de, se bem utilizada, manifestar um dom de Deus para a humanidade? Como é que aquilo que a Igreja me ensina sobre quem é o Homem, a sua natureza e as suas relações em sociedade me ajudam a descobrir o potencial desse novo instrumento?
- Na minha vida pessoal, sou exigente no modo como uso a inteligência artificial? Procuo usá-la para crescer no amor à verdade? Tenho o bem comum como critério de decisão? Ela aproxima-me ou afasta-me dos outros?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Preparar uma das próximas reuniões de equipa com recurso à inteligência artificial (quer na preparação quer nas dinâmicas da reunião), tentando explorar positivamente as ferramentas que ela oferece.

Ao longo do próximo mês, tomar maior consciência da presença e da influência da inteligência artificial no meu dia-a-dia, rezando com cuidado o modo como estou a usar esta ferramenta e partilhando o que for descobrindo em equipa.

PARA APROFUNDAR

“Antiqua et nova” – Nota sobre a relação entre a inteligência artificial e a inteligência humana, Dicastério para a Doutrina da Fé e Dicastério para a Cultura e a Educação, 28 de janeiro de 2025

Papa Francisco, Discurso à sessão do G7 sobre Inteligência Artificial em Borgo Egnazia (Apúlia), 14 de junho de 2024

Livro “A era da Inteligência Artificial – E o nosso futuro humano”, Henry Kissinger, Eric Schmidt e Daniel Huttenlocher, D. Quixote, 2021

Livro “Inteligência Artificial”, Arlindo Oliveira, FFMS, 2019

PARA REZAR

(Oração para pedir o dom do bom uso da Inteligência Artificial, pedida ao ChatGPT)

Senhor meu Deus,

Tu que me criaste com inteligência e liberdade,
ensina-me a usar bem os dons que colocaste ao meu alcance,
incluindo a inteligência artificial.

Dá-me discernimento para que esta ferramenta me ajude a aprender,
a crescer, a relacionar-me com verdade
e a procurar sempre o bem.

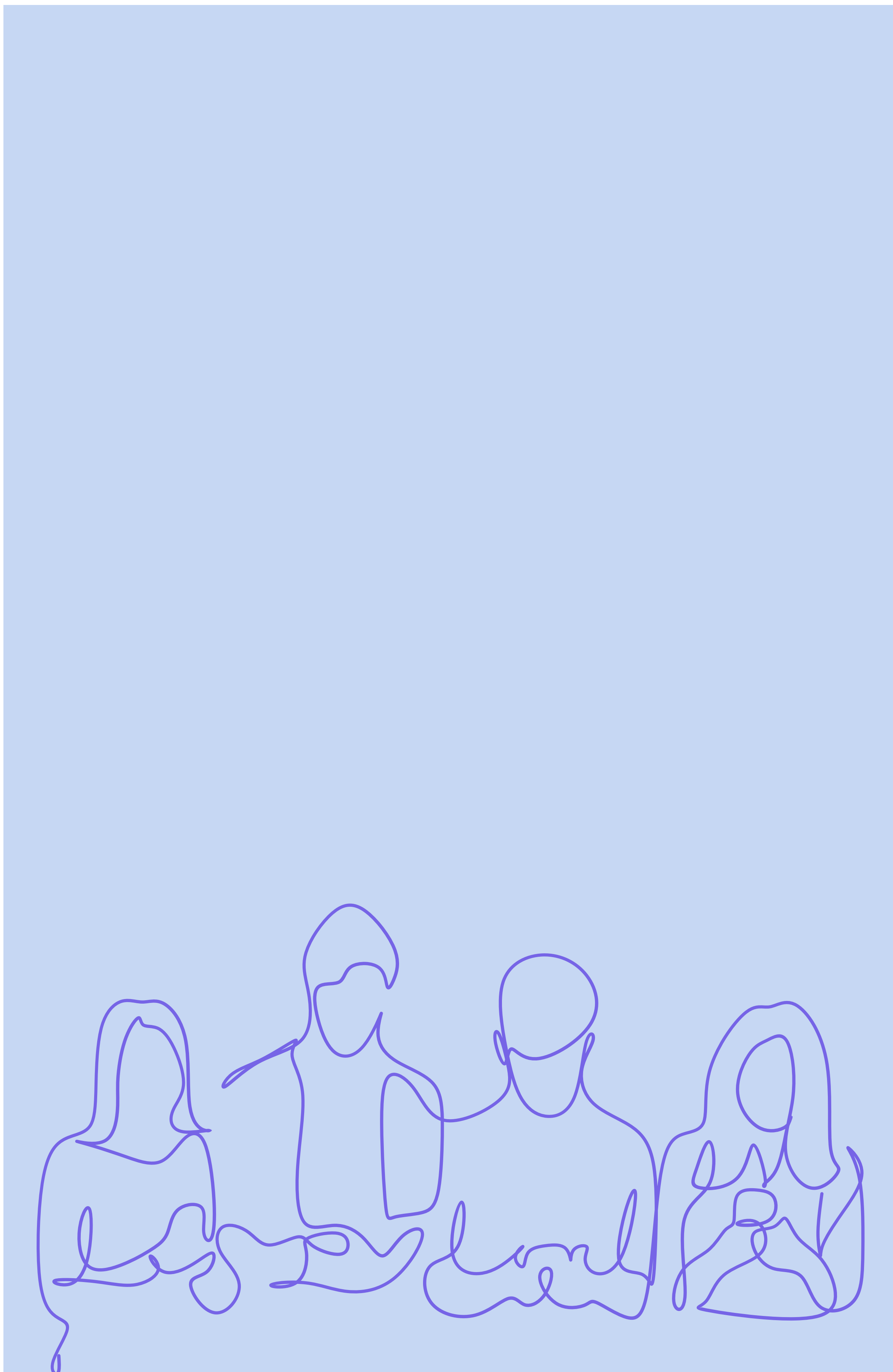
Livra-me da tentação de usar a tecnologia para fugir da realidade,
para me isolar ou para buscar respostas que só Tu podes dar.

Ajuda-me a escolher o que me aproxima dos outros,
o que constrói, o que é verdadeiro e justo.

Senhor, que a inteligência artificial nunca me distraia do essencial:
o encontro Contigo, o amor ao próximo, e o sentido profundo da vida.

Dá-me a graça de ser livre diante do ecrã,
e fiel diante de Ti. Amén.

1984



SOBRE

OS NOVOS MEDIA



Ele (Carlo Acutis) sabia muito bem que estes mecanismos da comunicação, da publicidade e das redes sociais podem ser utilizados para nos tornar sujeitos adormecidos, dependentes do consumo e das novidades que podemos comprar, obcecados pelo tempo livre, fechados na negatividade. Mas ele soube usar as novas técnicas de comunicação para transmitir o Evangelho, para comunicar valores e beleza.

Christus Vivit, 105

Os tempos que vivemos são, por conta da evolução tecnológica, muitíssimo acelerados. Estamos conectados mais do que nunca, sempre em vigília ao smartphone: não perdemos uma notificação, um post, um scrool, um programa ou dois ou três ao mesmo tempo. Vivemos um frenesim que, sem nos darmos conta, se instala e nos ocupa o pensar, o viver e o Ser.

PARA COMEÇAR

Princípio e Fundamento, Santo Inácio de Loyola

Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola começam propriamente com um texto que sintetiza o sentido da vida humana, intitulado Princípio e Fundamento:

O **Homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor**, e assim **salvar** a sua alma.

E as outras **coisas sobre a face** da terra são criadas para o homem, a fim de **ajudá-lo a alcançar o fim** para que foi criado.

Donde se segue que há de usar delas **tanto quanto** o ajudem a atingir o seu fim,

e há de privar-se delas tanto quanto dele o afastem.

Pelo que é necessário tornar-nos **indiferentes** a respeito de todas as coisas criadas

em tudo aquilo que depende da escolha do nosso livre-arbítrio, e não lhe é proibido.

De tal maneira que, de nossa parte, não queiramos mais saúde que doença, riqueza que pobreza,

honra que desonra, vida longa que breve, e assim por diante em tudo o **mais**,

desejando e escolhendo apenas **o que mais nos conduzir ao fim** para que fomos criados.

PARA O TEMA

A tecnologia é maravilhosa

A tecnologia é maravilhosa e sem dúvida temos enormes vantagens em viver nos dias de hoje com tudo o que ela nos proporciona. Por muito que a tecnologia evolua a nossa grande experiência, estará sempre relacionada com o facto de sermos “humanos”, para além de racionais, sermos sensoriais, espirituais. Essa é nossa essência, é esse o nosso “plus”: conseguirmos sentir, arrepiarmo-nos, olhar olhos nos olhos, sermos capazes de transmitir o que sentimos, sermos capazes de apreciar as maravilhas do mundo e partilharmos com o outro. No uso da tecnologia em concreto teremos a grande vantagem de sermos seres pensantes e criteriosos no seu uso, por isso, é importante, não deixando de me encantar, sentir que tenho “a rédea” do tema e dar-me conta se a tecnologia me está a impedir ou não de me maravilhar com o mundo que Deus criou para mim.

A precoce e excessiva digitalização levou a que muitas crianças, que são agora jovens e jovens adultos, substituíssem as brincadeiras pelos videojogos; os relacionamentos ao vivo por “amizades” nas redes sociais; levou a que procurassem modelos de conduta nos influencers ou youtubers em vez de os procurarem nos amigos e família (quem de facto pode transmitir valores importantes e construir as bases da autoconfiança); levou a que preenchessem os seus tempos livres com ecrãs dentro e fora de casa, em vez de navegar por toda a panóplia de jogos e brincadeiras que os seus pais tiveram que inventar para se entreter em tempos chamados de aborrecimento. Em todo o caso, esta “invasão” subtil dos ecrãs nas famílias que se deu nos últimos 15/20 anos talvez, está a ter efeitos que não nos devem passar ao lado e que merecem reflexão. Para muitos especialistas o uso desadequado dos ecrãs teve consequências na saúde mental (ansiedade, distúrbios alimentares e depressão) e física, sobretudo nos jovens nos últimos anos, tema que não podemos ignorar.

Tecnoferência

O Papa Leão XIV desde o início do seu pontificado tem-se mostrado muito sensível a este tema, em diversas situações têm alertado para o cenário de hiper digitalização em que vivemos, podendo esta prejudicar as relações

humanas. Recentemente, dirigindo-se aos jovens disse que “nenhum algoritmo poderá jamais substituir um abraço, um olhar e um verdadeiro encontro – nem com Deus, nem com os nossos amigos, nem com a nossa família”.

A verdade é que normalizamos a presença dos nossos smartphones e eles estão constantemente a ser a prioridade face às relações que temos, seja entre família ou amigos: à mesa de jantar com os pais, num café com um amigo que precisava mesmo de conversar, ou num jantar de amigos parece que há sempre algo mais importante a passar-se no telemóvel com o amigo que não está à mesa; ou num suposto jantar que tinha tudo para ser romântico mas o telemóvel insiste em ser a estrela; e tantas outras situações. À intrusão da tecnologia nas relações chama-se tecnoferência em português (ou phubbing em inglês). Esta palavra tem que nos ficar na memória, porque todos estamos fazemos tecnoferência a toda hora, jovens e adultos, e o que dizemos, de forma inconsciente ao outro nesses momentos é: “aconteça o que acontecer o meu telemóvel é para mim, muito mais importante do que tu”... e dizemos também, “estou viciado mas não assumo”!

Precisamos ser criteriosos no uso da internet

Reforço, tecnologia é maravilhosa, sem ela não poderíamos conhecer o mundo como o conhecemos. Podermos contactar com o outro lado do oceano à distância de um clique, partilharmos pontos de vista numa reunião com pessoas de todo mundo, o que implica em termos de redução de tempo e esforço é espectacular! As inúmeras oportunidades de partilhar a nossa Fé... e tantas coisas mais, “..a internet e redes sociais tornaram-se uma oportunidade extraordinária de diálogo, encontro e intercâmbio entre as pessoas, bem como de acesso à informação e ao saber (Papa Francisco, *Christus vivit*, 87). No entanto, estes instrumentos tornam-se ambíguos quando dominados por lógicas comerciais e interesses que destroem as nossas relações em milhares de fragmentos” (Papa Leão XIV, Vigília de Oração em Tor Vergata, 2 Agosto 2025).

PARA CONCLUIR

Como alerta o Papa Leão XIV temos que ter a sabedoria para identificarmos quando e como estamos a ser “dominados” pelo poder que tem a tecnologia sobre nós. Para irmos adquirindo consciência e critério pensamos nisto sob três perspectivas:

1. O tempo que gastamos no telemóvel (fácil identificar nas definições do telemóvel/ tempo de ecrã/ saúde digital) não volta atrás e está a substituir tempo que poderíamos estar a fazer tantas outras coisas que estariam até a contribuir para a nossa saúde mental e física: estudar, desporto, rezar, ajudar em casa, ler, escrever, pintar, etc..

2. Por outro lado, os conteúdos que consumimos não são indiferentes. Podem mesmo ter consequências na saúde mental e na forma como encaro o mundo. É importante saber regular e distinguir o que me serve e até ajuda e o que me prejudica. Usar no smartphone uma ferramenta de cálculo matemático, como ferramenta de ajuda ao estudo, por exemplo ou perder horas do dia no a ver shorts ou reels onde me comparo constantemente com vidas inatingíveis, ou ainda a consumir conteúdos impróprios (um tema que merecia mais reflexão)* implica de forma diferente na saúde mental. E isto leva-nos ao último ponto.

3. A possibilidade de vício. Todos estes conteúdos (smartphones, redes sociais, jogos, conteúdos pornográficos) estão concebidos e desenhados especificamente para serem viciantes para todos, adultos e crianças, para activarem de forma exagerada o sistema de recompensas do cérebro (a recepção de dopamina, o neurotransmissor responsável pela sensação de satisfação/ prazer). Pela fase específica de desenvolvimento do cérebro em que se encontram, os jovens estão mais suscetíveis a que se instale o vício.

PARA DISCUTIR

- Passando esta parte mais “científica” do texto importa que cada um possa parar e refletir com sentido crítico, sobre a relação que tem com os ecrãs e em que medida pode estar a prejudicar, individualmente, na relação que tem com os outros e com Deus.
- Sou dependente do meu smartphone, redes sociais ou outros conteúdos? Consigo ouvir os meus “pensamentos”? Consigo refletir, rezar sem a presença de um ecrã? A relação com Deus não precisa de tecnologia.
- Os conteúdos que vejo são úteis e trazem-me sabedoria ou até me prejudicam e comprometem a minha relação com Deus?
- Uso bem as redes sociais e internet? Uso para fazer bem aos outros e mostrar a minha forma de viver a Fé ou são entretenimento que até me afasta dos outros?
- Faço por construir amizades verdadeiras? Assentes na relação presencial, nas experiências de vida real vividas em comum? Assentes em Cristo? “Só relações sinceras e laços estáveis fazem crescer histórias de vida boa”. (...)“Quando as nossas amizades refletem este intenso vínculo com Jesus, tornam-se certamente sinceras, generosas e verdadeiras” (Papa Leão XIV).

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Em equipa, escolham um dia fixo da semana, a manter até à próxima reunião, durante o qual não usarão redes sociais.

PARA APROFUNDAR

Diálogo do Papa Leão XIV com os Jovens, Tor Vergata, 2 de Agosto de 2025

Saudação do Papa Leão XIV aos Influenciadores Católicos e Missionários Digitais, 29 de Julho de 2025

- *Geração Ansiosa, Jonathan Haidt*
- *Como Largar o Telemóvel, Catherine Price*

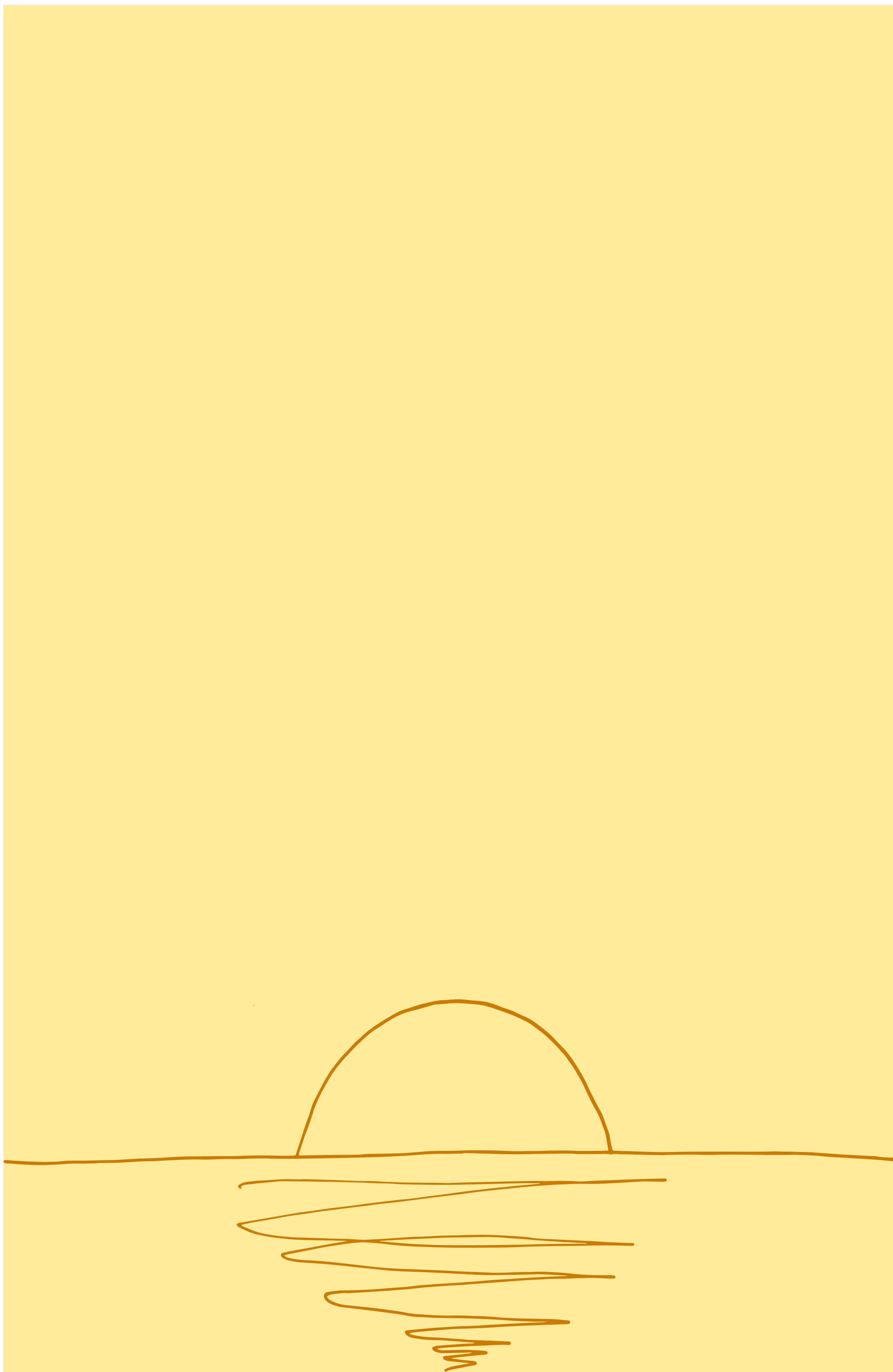
**para ajuda sobre este tema contactar a <https://www.daoclique.pt/>*

PARA REZAR

Oração de Santo Inácio de Loiola

Tomai, Senhor, e recebei
toda a minha liberdade,
a minha memória,
o meu entendimento
e toda a minha vontade,
tudo o que tenho e possuo;
Vós mo destes;
a Vós, Senhor, o restituo.
Tudo é vosso,
disponde de tudo,
à vossa inteira vontade.
Dai-me o vosso amor e graça,
que esta me basta.

POR QUEM OS SINOS DOBRAM



SOBRE

VOCAÇÃO E PROFISSÃO



Para a escolha da vocação, portanto, só pode haver um critério: de que forma eu, com tudo aquilo que sou, espiritual ou intelectualmente, enquanto temperamento, enquanto educação e enquanto físico, posso servir mais ao reino de Deus?

PADRE JULIAN CARRÓN
MOVIMENTO COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

A concepção moderna da vida nunca se mostra tão distante do Espírito de Cristo como neste ponto. O critério com o qual a mentalidade de hoje costuma olhar o futuro tem como centro o retorno, o gosto ou a facilidade do indivíduo. O caminho a escolher, a pessoa a amar, a profissão a desempenhar, a faculdade em que se matricular, tudo é determinado de modo a erigir como critério absoluto a utilidade particular do indivíduo.

E isto parece tão óbvio e normal que a subversão causada pelo chamamento se mostra, mesmo a muitas pessoas de bem, um desafio ao bom senso, um fanatismo, um exagero. São acusações repetidas até por educadores que se sentem cristãos, ou por pais preocupados com o sucesso humano dos filhos: tudo é ditado por um ponto de vista do qual estão totalmente ausentes a devoção ao todo e a preocupação com o Reino, e a realidade de Cristo é exilada.

in A Voz Única do Ideal, Padre Julián Carrón (2010)

PARA COMEÇAR

Salmo 8

Ó Senhor, nosso Deus, *

como é admirável o teu nome em toda a terra!

Adorarei a tua majestade mais alta do que os céus, *

pela boca das crianças e dos pequeninos.

Levantaste uma fortaleza contra os teus adversários, *

para anular inimigos e rebeldes.

Quando contemplo os céus, obra das tuas mãos,*

e a Lua e as estrelas que tu criaste, penso:

Que é o homem, para te lembrares dele?*

Que é o ser humano, para te preocupares com ele?

Contudo, fizeste-o pouco menos do que Deus e coroaste-o de honra e dignidade.

Deste-lhe domínio sobre as tuas obras, colocaste tudo sob o seu poder:

ovelhas e bois sem exceção

e também os animais selvagens;

as aves do céu e os peixes do mar que percorrem os caminhos do oceano.

Ó Senhor, nosso Deus,*

como é admirável o teu nome em toda a terra!

PARA O TEMA

O que quer Deus de mim?

Muito além da curiosidade, esta pergunta é central para ti. Se tens uma vida de oração, ela aparece com frequência, pois queres acertar também nas pequenas decisões, nas escolhas do dia-a-dia, na relação com cada pessoa que se cruza no teu caminho. E tentas descobrir o que quer Deus agora.

Mas também está aí como música de fundo. O que quer Deus da tua vida toda, inteira? Para o que te fez? Onde sonhou que O servisses e como? Qual é o teu papel neste mundo?

E se é verdade que esta resposta te pode assustar, pela dimensão da missão que Deus te pede, também te trará uma grande paz saber o que deves fazer. À nossa vocação, podemos corresponder melhor ou pior, com os altos e baixos próprios da luta. Mas descansa saber que estamos no caminho certo.

Quando pensas nisto, talvez te sintas capaz de qualquer coisa: conheces os talentos que o Senhor te deu e não tens medo de nenhuma missão. Ou talvez penses o contrário: o teu papel é menor porque não tens as qualidades de outros e preferes deixar o protagonismo aos que são melhores do que tu.

Os dois pensamentos têm um perigo. Pensar que podemos percorrer sozinhos o caminho onde Deus nos colocou. Pensar que nos abandona na estrada depois de nos dar a direção. E não é assim. A nossa vocação é um convite de Deus para O acompanharmos. É assim em todos os caminhos, é essa a grandeza do caminho. E, por isso, todas as vocações são grandes.

O teu papel neste mundo pode ser mais visível ou discreto, alcançar multidões ou ser desconhecido, ser tido em grande conta ou desprezado por todos, ser sinónimo de sucesso ou objeto de pena, ser bem visto ou mal visto... aos olhos de Deus, que o pensou, é sempre único e imprescindível. Recorda o que diz o Salmo 8: Que é o homem para te lembrares dele? O filho do homem para com ele te preocupares? Quase fizeste dele um ser divino; de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos, tudo submeteste a seus pés.

A criação é um dom de Deus ao homem. Um dom dado como tarefa. Temos nas mãos o mundo para fazer dele um hino de louvor a Deus, um lugar onde habitamos com o criador e com Ele colaboramos na criação. Desde o início, o Senhor trouxe-nos a este jardim e pediu para o cultivarmos e guardarmos (Gn 2, 15). Isso é o trabalho: a nossa parte nessa tarefa. Qualquer trabalho, no campo, no escritório, na fábrica, na universidade, na própria casa. Essa confiança de Deus em cada um é um dom.

Como diz o Salmo, Deus deu-te domínio sobre as obras das Suas mãos, foi a ti que pediu para completar essa obra. Por isso, podes trabalhar -estudar, se é esse o teu trabalho- com uma certeza: nesse trabalho tens uma vocação, aí és chamado por Deus, Ele conta contigo, a Igreja conta contigo, nós que nos reunimos em equipa contamos contigo.

Esta é a primeira razão para trabalhares bem. Não é o resultado, nem o dinheiro que podes vir a ganhar, nem o prestígio social que alcanças. Deves trabalhar bem, antes de mais, porque Deus conta com esse trabalho, porque na tua profissão podes encontrar Jesus, fazer-te santo e mostrar Deus aos outros.

Isto é que é vida!

Às vezes vivemos como se o trabalho fosse um peso inevitável, um castigo a cumprir por um tempo até sermos libertados dessa necessidade. E vivemos para o fim do dia, ou para o fim de semana, ou para as férias, ou para reforma, dizendo ao chegar "isto é que é vida!". Mas não é! É muito bom e importante descansar, é imprescindível para cumprires a tua vocação. Mas tem de haver em ti um gosto pelo trabalho, por construir com Deus este mundo; um gosto por colaborar com os outros, lado a lado, fazendo algo maior do que tu próprio.

Se conheces alguém que está ou esteve um tempo desempregado, provavelmente percebeste como essa pode ser uma situação dura. Não apenas pelas dificuldades que traz ao sustento normal de uma família, que são muito angustiantes, mas também pelo sentimento subjetivo de estar desenquadrado: não estou a fazer a minha parte, não estou a viver a minha vocação, não estou a fazer render os meus talentos.

Por isso, o Compêndio da Doutrina Social da Igreja refere-se ao trabalho como necessário: O trabalho é um direito fundamental e é um bem para o homem: um bem útil, digno dele porque apto a exprimir e a crescer a dignidade humana. A Igreja ensina o valor do trabalho não só porque este é sempre pessoal, mas também pelo caráter de necessidade. O trabalho é necessário para formar e manter uma família, para ter direito à propriedade, para contribuir para o bem comum da família humana. A consideração das implicações morais que a questão do trabalho comporta na vida social induz a Igreja a qualificar o desemprego como uma « verdadeira calamidade social », sobretudo em relação às jovens gerações (nº 287).

Como cristãos, conta muito o esforço que fazemos por acolher esta responsabilidade. Trabalhar bem, dentro dos nossos talentos e limitações, faz parte da maturidade que queremos alcançar, diz muito da nossa preparação para o futuro, para acolher a vocação que Deus nos quer dar. Falta-nos unidade de vida se rezamos muito e não trabalhamos, ou não estudamos nada. A vida de oração, se é sincera, acaba por dar os seus frutos também na nossa vida de trabalho, no nosso empenho e sentido de responsabilidade.

O trabalho não é tudo

Também é verdade que o trabalho pode ser fonte de tensão, de uma pressão constante que acaba por trazer um desequilíbrio à nossa vida. Se é algo bom e querido por Deus, não deve ser assim. E cabe-nos a nós, cristãos, contribuir para que essa atividade humana seja habitável.

Sabemos como é fácil deixar-se levar por uma competitividade excessiva, um desejo desordenado de ser melhor que os outros, de se destacar, até de humilhar. Ou deixar-se cegar pelo exclusivo desejo de resultados, de produção, de lucro, que não nos deixa ver quem temos à nossa volta, com as suas vidas concretas, com as suas necessidades reais.

Na vocação ao trabalho, colaboramos com Deus na criação, com os talentos pessoais que Ele nos deu. Tu és um trabalhador concreto, individual, como os outros que estão ao teu lado. Não um número numa cadeia de produção, uma ferramenta descartável num processo que se quer mais e mais eficaz. Temos de humanizar o trabalho e podemos fazê-lo já na universidade: vives a solidariedade com os teus colegas? Criaste

trabalho e podemos fazê-lo já na universidade: vives a solidariedade com os teus colegas? Criaste inimizade com algum por inveja dos resultados? Ajudas quem te pede ou tem mais dificuldade?

O trabalho é um meio para chegar a Deus, não é um fim. Não faria sentido que pelo trabalho descuidássemos as obrigações familiares, desprezássemos as amizades, deixássemos de cumprir os nossos deveres sociais ou abandonássemos a oração e a frequência dos sacramentos.

É o âmbito onde passamos a maior parte do nosso tempo: é aí que temos de encontrar Deus, é aí que temos de viver as virtudes cristãs na luta por ser santos, é aí que temos a nossa missão apostólica, os amigos que esperam o nosso testemunho de Cristo.

Santificar o trabalho

Pode ajudar-te a triplo conselho que S. Josemaria: o trabalho é o que podes santificar, onde te podes santificar, onde podes santificar os outros. Primeiro, é matéria de santificação: fazer um trabalho bem feito, para o oferecer a Deus, com a perfeição possível dentro das nossas capacidades, contribuindo para o desenvolvimento do mundo que o Senhor nos colocou nas mãos. Segundo, é onde nos santificamos: local onde tentamos viver a caridade e a justiça, tarefas que tentamos fazer em união com Jesus, comunidade onde procuramos ser generosos e atentos. E em terceiro lugar, é o âmbito mais natural do nosso apostolado, da evangelização, do testemunho de Cristo que queremos dar no mundo. No teu local de trabalho, na tua turma, és tu quem vai apresentar Jesus aos outros. Senão, quem será?

Da vida de Jesus conhecemos sobretudo o nascimento e os anos da sua vida pública. Podemos supor que passou grande parte da Sua vida trabalhando, provavelmente da oficina de São José. Pede-Lhe ajuda para o teu trabalho, para que consigas ver nessa tarefa o chamamento de Deus e assim possas trabalhar com o sentido de missão próprio de quem encontrou ali a sua vocação.

PARA DISCUTIR

Trabalho e responsabilidade

- Tenho consciência, como estudante ou trabalhador, que devo trabalhar bem? Que esse esforço é pedido por Jesus que me chama a ser santo neste trabalho? Cedo com muita facilidade à preguiça? Com que coisas me engano para fugir ao trabalho? Percebo que tenho de prescindir de algumas coisas boas em alturas de mais trabalho?

Trabalho e descanso

- Estou viciado no trabalho? O que me move a trabalhar tanto? O amor a Deus e aos outros ou simplesmente o amor próprio, a vaidade, a vontade de ficar à frente de outros? Percebo que o descanso me ajudará a trabalhar melhor e a não ver o trabalho como um fim? Consigo gerir o meu horário para que o trabalho não tire lugar ao mais importante? A relação com Deus, a família, os amigos?

Trabalho e caridade

- Tenho no coração o desejo de levar Jesus aos outros? Compreendo que sou a pessoa mais capacitada para o fazer no meu local de trabalho, ou na minha turma? Procuro dar testemunho com a minha vida cristã, que é primeiro o de um trabalhador responsável e maduro? Ajudo os outros no meu trabalho? Procuro contribuir para um ambiente de verdadeira caridade, sem excluir ninguém, sem murmurar nas costas, sem críticas destrutivas?

Trabalho e oração

- Ofereço a Deus o meu trabalho? Isso ajuda-me a trabalhar melhor e com mais esforço? Alguma vez comecei ou terminei um tempo de estudo com uma oração? Já experimentei estudar com uma cruz sobre a mesa para me recordar que Jesus me acompanha naquele tempo de trabalho?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Rezar no início e no fim do trabalho / horas de estudo, e oferecer a Deus por alguma intenção.

PARA APROFUNDAR

Capítulo sobre o Trabalho Humano do Compêndio da Doutrina Social da Igreja:

https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html

Homilia do Papa Bento XVI sobre o trabalho, no dia de São José de 2006:

https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060319_lavoratori.html

Homilia de S. Josemaria Escrivá "Trabalho de Deus": <https://escriva.org/pt-pt/amigos-de-dios/trabalho-de-deus/>

PARA REZAR

Oração do Abandono, Charles Foucauld

Meu Pai,

Eu me abandono a Ti,

Faz de mim o que quiseres.

O que fizeres de mim,

Eu Te agradeço.

Estou pronto para tudo, aceito tudo.

Desde que a Tua vontade se faça em mim

E em tudo o que Tu criastes,

Nada mais quero, meu Deus.

Nas Tuas mãos entrego a minha vida.

Eu Te a dou, meu Deus,

Com todo o amor do meu coração,

Porque Te amo

E é para mim uma necessidade de amor dar-me,

Entregar-me nas Tuas mãos sem medida

Com uma confiança infinita

Porque Tu és...

Meu Pai!

CRIME E CASTIGO



SOBRE

JUSTIÇA



A justiça é uma virtude que age tanto no grande, como no pequeno: não diz respeito apenas às salas dos tribunais, mas também à ética que distingue a nossa vida diária. Estabelece relações sinceras com os outros: atua o preceito do Evangelho, segundo o qual o falar cristão deve ser: «“Sim, sim”, “Não, não”; o resto vem do Maligno» (Mt 5, 37). As meias-verdades, os discursos subjetivos que procuram enganar o próximo, as reticências que ocultam as verdadeiras intenções não são atitudes conformes com a justiça. O homem justo é reto, simples e direto, não usa máscaras, apresenta-se como é, diz a verdade. A palavra “obrigado” está frequentemente nos seus lábios: sabe que, por mais que nos esforcemos por ser generosos, somos sempre devedores para com o próximo. Se amamos, é também porque primeiro fomos amados.

PAPA FRANCISCO

Catequese. Os vícios e as virtudes. 13. A justiça

A justiça é uma virtude: a vontade constante de dar a cada um aquilo que lhe pertence. Mas como sabemos o que pertence a cada um? É importante distinguir entre os direitos que são atribuídos por vontade das comunidades políticas, ou dos homens (direitos positivos) e os direitos que são do homem e das sociedades naturais (a família, o Estado), em virtude da vontade de Deus, inscrita na natureza humana. Quando falamos em justiça, a propósito da doutrina social da Igreja, é fundamental contrariar tentações individualistas, e lembrar que o homem é um ser naturalmente social, com deveres perante as sociedades que integra (a família, o Estado). Por outro lado, é essencial recuperar o património intelectual da Igreja em relação ao Direito natural, o único capaz de iluminar muitas das discussões da atualidade.

PARA COMEÇAR

Do Evangelho segundo São Lucas

^{20,20}Então, puseram-se à espreita e mandaram-lhe espiões, que se fingiam justos com o fim de o surpreender em alguma palavra, para o entregarem ao poder e à jurisdição do governador.

^{21*}Fizeram-lhe a seguinte pergunta: «Mestre, sabemos que falas e ensinas com rectidão e não fazes acepção de pessoas, mas ensinas o caminho de Deus segundo a verdade.

²²Devemos pagar tributo a César, ou não?»

²³Conhecendo a sua astúcia, Ele respondeu-lhes:

²⁴«Mostrai-me um denário. De quem é a efígie e a inscrição?» Eles disseram: «De César.»

²⁵Disse-lhes, então: «Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.»

²⁶Não conseguiram apanhar-lhe uma palavra em falso diante do povo; ao contrário, admirados com a sua resposta, ficaram calados.

PARA O TEMA

A justiça é uma virtude essencial para a vida em comunidades sociais e políticas, a que o homem está destinado, pela sua natureza. A definição clássica de justiça é, ainda hoje, muito útil: a vontade constante e perpétua de dar a cada um aquilo que lhe pertence. Mas como podemos saber o que pertence a cada um, para podermos agir segundo esta virtude?

Muitos dos bens que pertencem a cada membro da comunidade são-lhe atribuídos por decisões políticas, tomadas pelas autoridades legítimas, ou em virtude de contratos que celebram livremente, com outros (os chamados direitos positivos).

Se vendi o meu carro ao António, o justo é entregar-lhe o carro, pois esse é o seu direito. Se a lei diz que devo ao Estado x euros de impostos, o justo é pagar esse montante. Assim, perante uma determinada distribuição de bens, o que é justo é dar a cada um aquilo que lhe pertence. O ato justo é a ação ou omissão que assegura ao outro o seu direito, e que dependerá da situação de cada um. O juiz é justo quanto emite uma sentença justa, mas também quando paga os impostos ao Estado, quando paga o preço acordado ao mecânico que lhe reparou o carro, quando não divulga publicamente um facto da vida privada de um seu amigo, ou quando respeita a propriedade do seu vizinho.

É claro que existe um vasto campo de discussão política, a que o católico não pode ser alheio, onde se deve discutir qual a distribuição que melhor serve o bem comum da comunidade. Mas, enquanto vigorar uma determinada distribuição de bens, o que é justo é respeitá-la.

Mas – e o mais importante fica para o fim – é fundamental reconhecer que há certos bens que foram distribuídos por vontade de Deus, e que o homem, através da razão, pode conhecer essa ordenação destinada ao bem comum.

É urgente redescobrir este património jurídico e filosófico, e afirmá-lo com confiança, no mundo de hoje: cada homem tem direitos, porque é pessoa, independentemente de qualquer decisão política e que, por isso mesmo, não podem ser limitados ou suprimidos só porque uma maioria política ou uma tendência cultural dominante assim o pretende (os chamados direitos naturais).

O Direito natural constitui assim um limite ao Direito positivo: as decisões políticas da comunidade, e os contratos celebrados entre os seus membros devem respeitar a ordenação de bens desejada por Deus, e inscrita na natureza humana.

Mas, para a ideia de Direito natural poder ter relevância no debate atual, é preciso, também, dissipar alguns equívocos. Quando se diz, por exemplo, que o homem é capaz de conhecer o Direito natural, não se quer dizer que todos os homens o conhecem inevitavelmente, e que só por birra ou teimosia o desrespeitam. Quer-se apenas dizer que o Direito natural é acessível à razão humana, e que o homem pode conhecê-lo e transmiti-lo aos outros, através da razão (mas, para isso, entre outras condições, tem de se esforçar para evitar o erro).

E quando se diz que certos direitos são naturais, não se está a apelar às convenções e práticas sociais que existiriam se vivêssemos no meio da natureza, ou a recorrer à ideia de um “bom selvagem”, que apenas é corrompido pela vida em sociedade (que é um mito muito tonto...). O homem é, por natureza, um ser social e político, e só na vida em família, e em comunidade, pode alcançar, na plenitude, os bens que lhe estão reservados na terra. Os direitos são naturais, porque a razão última para a sua atribuição reside na natureza do homem: um ser dotado de vontade e razão, criado por Deus à Sua imagem e semelhança, e chamado a amar a Deus e aos outros.

A recuperação da ideia de Direito natural pode trazer muita luz a algumas discussões políticas cruciais da atualidade, como o aborto, a eutanásia, a procriação medicamente assistida, ou as (erroneamente) designadas políticas de afirmação de género.

PARA DISCUTIR

- Lembro-me frequentemente de que, por vontade de Deus, integro várias sociedades – a família, o Estado, etc. –, que não tenho apenas direitos, mas deveres perante essas sociedades, e que os meus atos e omissões têm sempre impacto no seu bem comum?
- A que dou mais importância: às (muitas vezes apenas imaginadas) injustiças cometidas contra mim, ou a ser justo nas relações com os outros, tratando-os com o respeito devido, e não interferindo com os seus bens (a honra, a intimidade, etc.)?
- De que forma é que a ideia de que Direito natural pode trazer luz às discussões sobre o aborto, a eutanásia, a procriação medicamente assistida, ou as (erroneamente) designadas políticas de afirmação de género? Interesse-me por estas discussões, sabendo que nelas se joga o destino da nossa comunidade, e tento estudar e informar-me, para poder trazer luz (e não fogo ou fumo) aos debates?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Fazer um exame de consciência ao fim de cada dia que inclua:

- A quem eu podia ter dado mais do que dei?
- Onde falhei em dar ao outro o que lhe pertence?
- Consegui pôr o bem comum acima do meu interesse?

PARA APROFUNDAR

Carta Encíclica “Rerum Novarum”, Leão XIII:

https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html

Vídeo “Justice” (episódio do Projeto “Aquinas 101”):

<https://podcast.thomisticinstitute.org/videos/justice-aquinas-101/>

Vídeo *"The Potential Parts of Justice"* (episódio do Projeto "Aquinas 101"):
<https://podcast.thomisticinstitute.org/videos/the-potential-parts-of-justice-aquinas-101/>

Exemplos de ações no dia-a-dia para ser mais justo:

- pagar o que devo sem atrasos ou desculpas
- não falar mal nem expor a vida privada de ninguém
- honrar compromissos que assumi
- reconhecer méritos dos outros sem inveja
- responder de modo honesto e respeitoso
- respeitar a verdade quando falo ou partilho algo
- defender um bem objetivo mesmo se me disserem que é "impopular"

PARA REZAR

Salmo 43

Faz-me justiça, ó Deus,*

e defende a minha causa contra a gente sem piedade!

Livra-me do homem mentiroso e perverso.*

Tu, ó Deus, és o meu refúgio. Porque me rejeitaste?

Porque hei-de andar triste sob a opressão do inimigo?*

Envia a tua luz e a tua verdade,
para que elas me guiem e conduzam*

à tua montanha santa, à tua morada.

Eu irei ao altar de Deus,*

ao Deus que é a alegria da minha vida.

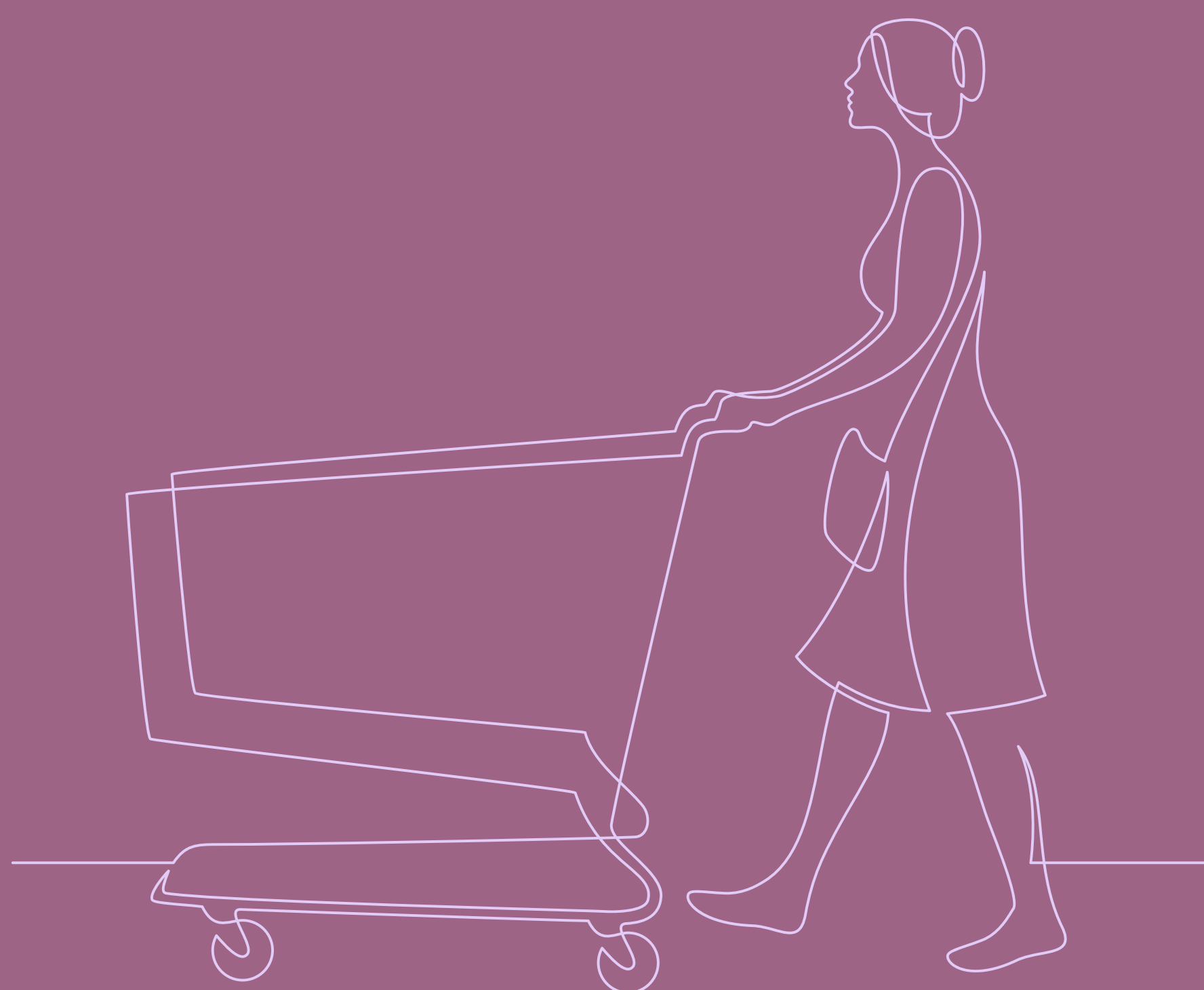
Ao som da harpa te louvarei, ó Deus, meu Deus.*

Porque estás triste, minha alma, e te perturbas?

Confia em Deus: ainda o hei-de louvar.*

Ele é o meu Deus e o meu salvador.

O MERCADOR DE VENEZA



SOBRE

ECONOMIA



Também na vida económica e social se deve respeitar e promover a dignidade e a vocação integral da pessoa e o bem de toda a sociedade. Com efeito, o Homem é o protagonista, o centro e o fim de toda a vida económica e social.

CONCÍLIO VATICANO II, GS, 63

Num tempo marcado por crises ambientais, desigualdades sociais e instabilidade económica, torna-se urgente repensar o papel da economia na sociedade. A Doutrina Social da Igreja (DSI) oferece uma visão ética e integral da economia, centrada na dignidade da pessoa, no bem comum e no cuidado da criação. Esta abordagem desafia os modelos económicos dominantes, que frequentemente colocam o lucro e o crescimento como fins últimos, ignorando os impactos sociais, humanos e ecológicos das decisões económicas. A economia, tal como a concebemos, não se limita à dimensão financeira. Integra também as dimensões ambiental, social, relacional e espiritual, promovendo uma cultura do cuidado em contraposição à cultura do descarte. A economia justa é aquela que dá voz aos mais frágeis, valoriza o trabalho digno, respeita os limites da natureza e reconhece que os bens da Terra são destinados a todos.

No contexto atual, esta visão é particularmente relevante. O consumo desenfreado, a exploração laboral, a degradação ambiental e a exclusão social são sintomas de um sistema que perdeu o seu horizonte humano. Precisamos de uma economia com alma – uma economia que serve a vida, que constrói justiça e que promove relações solidárias.

Este é um convite à ação: repensar os nossos hábitos de consumo, apoiar iniciativas locais e sustentáveis, promover o comércio justo, cuidar da criação e participar ativamente na construção de uma economia mais humana. Porque transformar a economia é, acima de tudo, transformar a forma como vivemos em conjunto na nossa Casa Comum.

PARA COMEÇAR

Oração atribuída a São Francisco de Assis

Senhor,
faça de mim um instrumento da vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor.
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia, que eu leve a união.
Onde houver dúvida, que eu leve a fé.
Onde houver erro, que eu leve a verdade.
Onde houver desespero, que eu leve a esperança.
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Ó Mestre,
faça que eu procure mais:
consolar, que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;
amar, que ser amado.
Pois é dando, que se recebe.
Perdoando, que se é perdoado,
e é morrendo, que se vive para a vida eterna.

PARA O TEMA

Economia com alma

Quando ouvimos a palavra “economia”, é comum pensarmos em gráficos, números, mercados financeiros ou no crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Mas a economia é, antes de tudo, uma realidade humana. É a forma como organizamos a nossa vida em sociedade, como usamos os recursos da Terra, como trabalhamos, consumimos, cuidamos uns dos outros e construímos o futuro. A palavra “economia” vem do grego oikonomia, que significa “gestão da casa”. E essa casa é comum – é o mundo que habitamos juntos.

A Doutrina Social da Igreja (DSI) convida-nos a olhar para a economia com profundidade e responsabilidade. Não como um sistema técnico ou neutro, mas como uma realidade que deve estar ao serviço da vida. A economia, à luz da fé, é chamada a cuidar, incluir, respeitar e transformar. É uma vocação, não apenas uma atividade técnica. E todos somos chamados a participar nela, especialmente os jovens.

Uma resposta aos modelos económicos atuais

Durante as últimas décadas, os modelos económicos colocaram o lucro, o crescimento do PIB ou o controlo político no centro das decisões. A DSI propõe uma alternativa: uma economia que coloca a pessoa humana no centro, que promove o bem comum, que respeita a criação e que valoriza a justiça social.

A ciência económica, tal como foi desenvolvida ao longo do século XX, procurou legitimar-se como ciência positiva, excluindo do seu âmbito a discussão sobre os fins da ação económica. O foco passou a ser a maximização da utilidade, da riqueza ou do consumo, ignorando outras dimensões fundamentais da vida humana. Esta visão reduziu a economia a uma lógica de eficiência e crescimento, esquecendo que o verdadeiro desenvolvimento é integral.

A Doutrina Social da Igreja desafia esta perspectiva limitada e propõe uma economia que:

- Não se limita à dimensão financeira, mas inclui também as dimensões ambiental, social, relacional e espiritual.
- Rejeita a cultura do descarte e promove uma cultura do cuidado
- Dá voz aos mais frágeis, criando oportunidades para que liderem soluções de desenvolvimento.
- Promove trabalho digno para todos, respeitando a vida familiar e valorizando cada contributo.
- Protege os recursos naturais e todas as formas de vida.

Esta visão amplia os fins da economia, indo além do lucro e do PIB. Pretende devolver visão e horizonte à economia, sem reacear o debate sobre os objetivos que realmente importam.

A construção de uma economia justa, não se limita a princípios teóricos, nem se constrói apenas com leis ou políticas, mas com decisões diárias e com uma cultura que valorize a justiça, a solidariedade e o cuidado. Inspira práticas concretas que podem ser aplicadas desde já, nomeadamente, através da responsabilidade social e ambiental das empresas, do comércio justo e consumo consciente e da participação ativa dos cidadãos.

O papel dos jovens: protagonistas da mudança

Os jovens não são meros espectadores da economia. Mesmo que ainda não tenham uma casa para gerir ou uma empresa para administrar, habitam a nossa Casa Comum e têm um papel essencial a desempenhar. A DSI acredita no potencial dos jovens para transformar o mundo com criatividade, coragem e compromisso.

Desde já, os jovens podem assumir atitudes concretas que fazem a diferença:

- Ser consumidores conscientes, escolhendo produtos éticos e sustentáveis.
- Participar em projetos comunitários e movimentos sociais.
- Criar iniciativas empreendedoras com impacto social.

- Envolver-se na vida política e pública, influenciando decisões económicas.
- Cultivar uma cultura do cuidado, rejeitando a indiferença e o descarte.

Um exemplo inspirador deste protagonismo jovem é o movimento internacional Economy of Francesco, lançado pelo Papa Francisco em 2019. Este movimento reúne milhares de jovens economistas, empreendedores e agentes de mudança de todo o mundo, com o objetivo de “dar alma à economia de amanhã”. Inspirado por São Francisco de Assis – símbolo de simplicidade, cuidado com os pobres e respeito pela criação – este movimento promove uma economia que faz viver e não mata, inclui e não exclui, cuida da criação e não a devasta.

A Economy of Francesco não é um modelo fechado, mas um processo vivo, feito de perguntas, encontros, projetos e comunidades. É um espaço onde os jovens lideram, criam, questionam e constroem. Onde se cruzam saberes, culturas e experiências, e onde se procura uma economia mais humana, mais justa e mais fraterna. Mais do que um modelo, a Economy of Francesco é uma comunidade de vocações, onde cada jovem é chamado a contribuir com o seu talento e a sua paixão. É um espaço de co-criação, onde se valoriza a diversidade e se promove o diálogo intergeracional. E é também um lugar de esperança, onde se acredita que é possível mudar o sistema económico global com pequenas ações locais.

Economia como vocação ao serviço da vida

A Doutrina Social da Igreja desafia-nos a ver a economia como uma vocação – uma forma de servir a vida, de cuidar da Casa Comum, de construir justiça e fraternidade. Não se trata de utopia, mas de compromisso. De escolhas concretas que começam hoje. Como disse o Papa Francisco:

“Quando um jovem vê noutro jovem a própria chamada, e depois esta experiência se repete com centenas, milhares de outros jovens, então tornam-se possíveis grandes coisas, até ter a esperança de mudar um sistema enorme, um sistema complexo como a economia mundial.”

A economia do futuro começa agora – nas mãos, na cabeça e no coração dos jovens que acreditam que é possível fazer diferente. E tu, que papel queres ter nesta transformação?

PARA DISCUTIR

Sobre o consumo:

- Que critérios usas para escolher o que consumes?
- Como podemos integrar o cuidado com os outros e com o ambiente nas práticas económicas?
- Que exemplos conheces de empresas ou projetos que respeitam a criação?

Sobre a pobreza:

- Quem são os excluídos da economia atual e como podemos dar voz e protagonismo aos mais vulneráveis?
- Que papel pode ter a economia na luta contra a pobreza?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Uma das formas mais imediatas de transformar a economia é através das nossas escolhas de consumo. Todos os dias tomamos decisões que têm impacto não só na nossa vida, mas também na vida de outras pessoas e no planeta. O consumo consciente é uma atitude que nos convida a pensar antes de comprar: **preciso mesmo disto? Quem o produziu? Em que condições? Que impacto tem no ambiente?**

Plataformas como Temu ou AliExpress oferecem produtos a preços muito baixos, o que pode parecer vantajoso à primeira vista. No entanto, é importante questionar: **Como é possível vender tão barato? Que condições laborais existem por trás desses produtos? Que impacto ambiental tem o transporte internacional de milhares de encomendas?**

Muitas vezes, esses preços baixos são possíveis graças à exploração de trabalhadores, à produção em massa com materiais de baixa qualidade e ao uso intensivo de recursos naturais. Além disso, o modelo de consumo rápido e descartável promovido por estas plataformas contribui para a cultura do desperdício e para a degradação ambiental.

O consumo consciente propõe uma alternativa:

- Comprar menos, mas melhor.
- Escolher produtos locais, sustentáveis e éticos.
- Apoiar pequenos produtores e negócios que respeitam os direitos humanos e o ambiente.

Por exemplo, em vez de encomendar uma capa de telemóvel por 1€ numa plataforma internacional, podemos procurar uma alternativa feita por artesãos locais, com materiais reciclados ou biodegradáveis. Pode custar mais, mas esse valor reflete respeito pelo trabalho, pela qualidade e pelo planeta.

Este tipo de consumo não é apenas uma questão de ética — é também uma forma de participar ativamente na construção de uma economia que cuida da criação e promove a justiça social.

Por isso, como ponto de esforço é proposto:

- Evitar compras por impulso em plataformas de consumo rápido.
- Informar-se sobre a origem dos produtos que consome.
- Escolher pelo menos uma marca ou loja que promova práticas sustentáveis.
- Partilhar com os outros uma descoberta positiva: uma marca ética, um produto local, uma alternativa ecológica.

PARA APROFUNDAR

Livro: “A Economia de Francisco: um glossário para reparar a linguagem da economia”

Livro: “Manual da Doutrina Social da Igreja: um guia para os cristãos no mundo”, de Martin Schlag

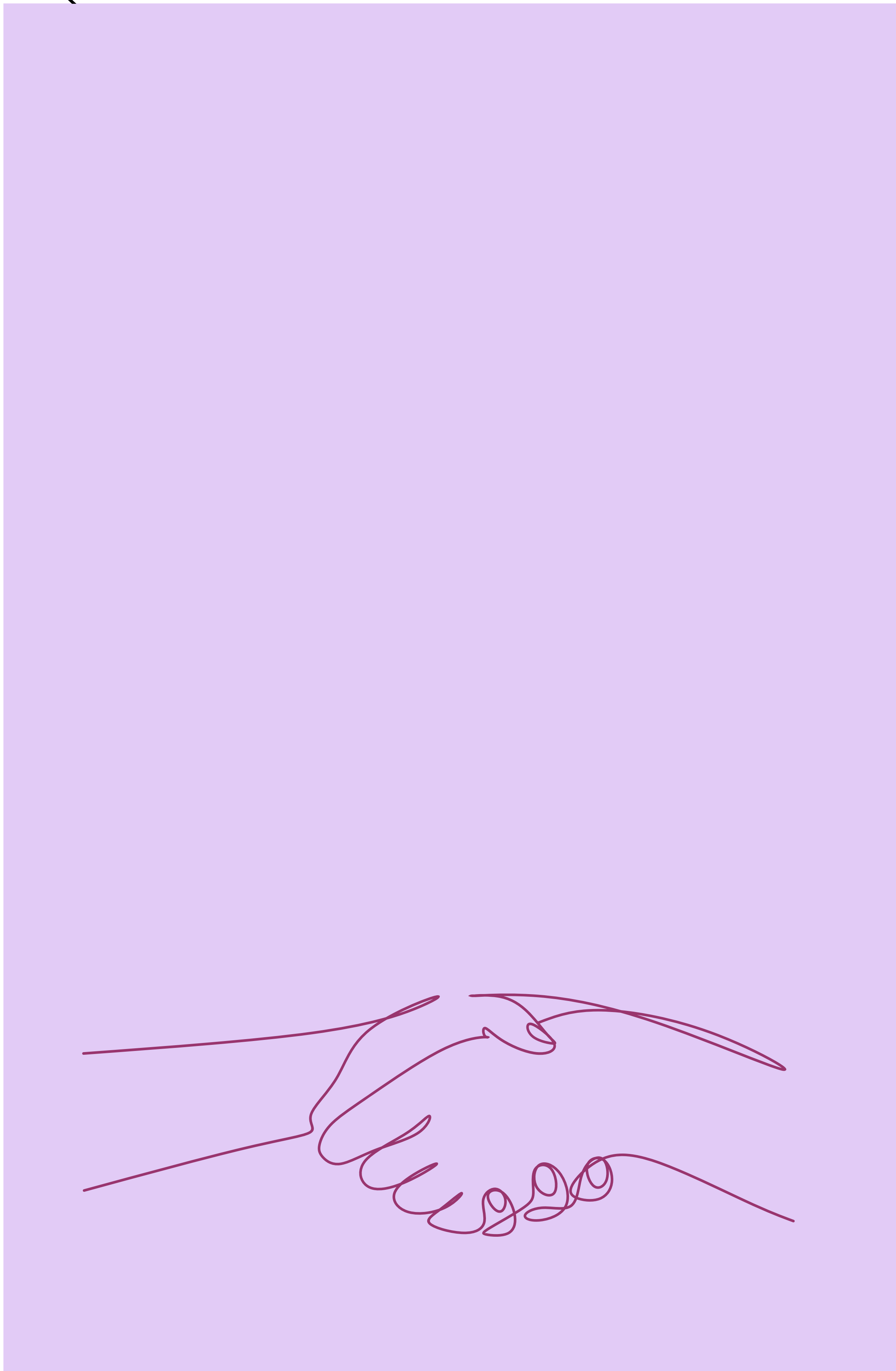
Livro: “Economia Donut: sete formas de pensar como um economista do século XXI”, de Kate Raworth · www.francescoeconomy.org

PARA REZAR

Meu Senhor Jesus,
Ensina-me na minha vida,
A fidelidade sem hesitações,
A simplicidade sem artifícios,
A confiança sem medos,
A solicitude sem descanso,
A inteligência sem superficialidade,
A palavra sem mentiras,
O olhar sem julgamentos,
O serviço sem vaidade,
A autoridade sem domínio,
O perdão sem razões,
O amor sem recompensa.

Meu Senhor Jesus,
Ensina-me a ser discípulo e servo, Filho e irmão, ouvinte e mensageiro.
Ensina-me a ser Teu,
e todo da Igreja.

AQUINTA DOS ANIMAIS



SOBRE

POLÍTICA



Quando, se não agora? Onde, se não aqui?
Quem, se não nós?

JOHN F. KENNEDY

A presença dos católicos na vida política levanta sempre perguntas importantes sobre identidade, responsabilidade e modo de atuar. Mais do que seguir listas de posições pré-definidas, trata-se de compreender como a fé ilumina a leitura dos desafios do nosso tempo e inspira uma ação pública orientada pelo Evangelho. A Doutrina Social da Igreja, desde a *Rerum Novarum* até aos documentos recentes, oferece princípios sólidos e uma inquietação permanente diante dos temas novos que marcam a vida das comunidades. Entre unidade nos fundamentos e diversidade legítima nas soluções, o cristão é convidado a discernir com liberdade interior, espírito de serviço e compromisso com o bem comum.

PARA COMEÇAR

Do Evangelho segundo São Mateus

^{20,20*} Aproximou-se então de Jesus a mãe dos filhos de Zebedeu, com os seus filhos, e prostrou-se diante dele para lhe fazer um pedido. ^{21*} «Que queres?» - perguntou-lhe Ele. Ela respondeu: «Ordena que estes meus dois filhos se sentem um à tua direita e o outro à tua esquerda, no teu Reino.»

^{22*} Jesus retorquiu: «Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que Eu estou para beber?» Eles responderam: «Podemos.» ²³ Jesus replicou-lhes: «Na verdade, bebereis o meu cálice; mas, o sentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me pertence a mim concedê-lo: é para quem meu Pai o tem reservado.»

²⁴ Ouvindo isto, os outros dez ficaram indignados com os dois irmãos.

^{25*} Jesus chamou-os e disse-lhes: «Sabeis que os chefes das nações as governam como seus senhores, e que os grandes exercem sobre elas o seu poder. ²⁶ Não seja assim entre vós. Pelo contrário, quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo; e ²⁷ quem no meio de vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo. ²⁸ Também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão.»

PARA O TEMA

Como viver a fé no espaço político?

Há uma questão que normalmente é colocada aos católicos envolvidos na política que se prende com a medida da sua vinculação à doutrina da Igreja no âmbito do desenvolvimento da sua ação política. Dito de forma mais simples: um católico envolvido na política está obrigado a seguir uma partitura previamente definida de temas ou de posições sob pena de ser um mau católico? Esta questão é muitas vezes colocada pelos próprios ou pelos que de alguma forma sintam o desejo de se envolverem. O que é ser um católico na política? Numa democracia assente num modelo partidário, como a que temos em Portugal, um católico só se pode envolver em alguns partidos políticos, ou em todos há lugar para os católicos?

Há uns anos o papa Francisco, numa carta do dia mundial da paz, escrevia que a ação política era uma forma superlativa de caridade, de serviço ao outro, e que quem sentia a inclinação para desenvolver ação política tinha o dever de se preparar o melhor possível para depois servir dando o melhor de si. Pois bem, e se houver essa disponibilidade, o que deve um católico fazer na sua ação política?

A resposta à luz da DSI

A doutrina da Igreja tem implicações em muitas expressões da nossa vida coletiva, logo, em muitas dimensões tratadas pela política, mas, por hábito, quando se conjuga política e Igreja na mesma frase está-se a pensar na denominada Doutrina Social da Igreja, recolhida, sistematizada e aprofundada pelo papa Leão XIII na encíclica Rerum Novarum (publicada em 15 de maio de 1891). Esta encíclica, que significa em português “das coisas novas” ou “sobre as coisas novas” traz a novidade de refletir sobre o mundo novo emergente da revolução industrial e é considerada o marco inicial, fundador, da Doutrina Social da Igreja.

Este texto oferece-nos uma grelha de leitura da realidade à época, mas que continua a ser muito atual, porquanto reflete sobre os grandes temas da organização socio-económica. Como não podia deixar de ser, parte dos textos fundadores do Evangelho para sistematizar um conjunto de orientações. Escolhendo três ideias centrais, a encíclica centra-se i) na defesa da propriedade privada ii) dos direitos dos trabalhadores e da justiça social iii) do princípio da subsidiariedade.

É um texto que critica os extremismos, por um lado o comunismo ou socialismo revolucionário, que suprime a propriedade privada, por outro lado o capitalismo selvagem, que explora os trabalhadores sem quaisquer limites morais. À defesa da propriedade privada, enquanto reconhecimento do direito das pessoas a possuírem e disporem de bens, junta-se a referência à responsabilidade social que tal acarreta: os bens devem beneficiar também o bem comum e não apenas o interesse estrito do seu proprietário. Já o trabalho não é entendido como uma mercadoria transacionável, mas parte indeclinável da dignidade humana, pelo que os trabalhadores têm direito a condições justas, nomeadamente a auferir um salário que seja suficiente para sustentar a si e à sua família com dignidade. O princípio da subsidiariedade determina que o Estado deve acautelar as tarefas e funções que outras estruturas da sociedade, desde logo a família, mas também as organizações capilares da sociedade (associações etc.), não conseguem prosseguir melhor. Posto de outra forma: o Estado não deve sufocar a liberdade da sociedade civil ou a iniciativa privada, deve proteger os mais fracos e garantir a justiça social, mas mesmo nessa sua ação deve contar com toda a rede construída pela própria sociedade. Por isso faz sentido, por exemplo, que as creches, escolas, centros de dia ou lares de idosos sejam um domínio onde privados ou IPSS se envolvam e seja reconhecido o trabalho que desenvolvem, ao invés de soluções de concentração exclusiva no Estado.

Latitude e discernimento na ação política

A maneira como cada católico interpreta e põe em prática esta agenda tem um grau de latitude considerável. Seria estranho que um católico na sua ação política não cuidasse de combater a pobreza ou os salários indignos, mas as ferramentas que mobiliza na sua ação podem ser distintas consoante o seu posicionamento ideológico. Podemos entender que soluções políticas totalitárias ou profundamente estatizantes não têm alinhamento com a Doutrina Social da Igreja, mas o mesmo se dirá de soluções assentes num liberalismo sem limites, que entrega todas as opções a uma lógica de mercado. No primeiro caso falha o princípio da subsidiariedade e o respeito por direitos de todas as pessoas pré-existentes ao próprio Estado, no segundo falha a prossecução da justiça social e de uma justa repartição dos bens. Em concreto, se eu penso que a justiça social vem da criação de mais apoios sociais ou do desenvolvimento de estratégias de formação das pessoas e da dinamização da economia, que gera mais e melhor emprego e assim leva à melhoria de vida, já é uma opção de posicionamento individual, que,

contudo, deve ser devidamente sustentado.

Ler os sinais dos tempos à luz do Evangelho

O espírito da *Rerum Novarum* na verdade prende-se não apenas com os temas a que se dedicou, fruto do tempo que então se vivia, mas também com uma certa atitude de inquietude permanente sobre os temas novos, que interessam à nossa vivência enquanto comunidade, e sobre os quais um católico deve ter um olhar clarificado à luz do Evangelho. E nesse olhar que a Igreja ajuda e guia, através dos documentos que vai produzindo, sob a égide de cada papado. Os domínios são muitos, da família aos migrantes ou à ecologia integral. Um católico deve ter atenção a esses documentos, que representam só por si um convite a olhar demoradamente para cada tema, a refletir e meditar sobre ele à luz do Evangelho. Será, pois, estranho que depois da *Laudato Sí* não haja uma atenção particular à “nossa casa comum”, planeta que habitamos partilhadamente com muitas espécies, e não assumamos a responsabilidade de cuidar da obra da criação. O mesmo se poderá dizer sobre a atenção e cuidados aos migrantes, a sua integração no respeito pela dignidade indeclinável de cada pessoa, independentemente da sua proveniência geográfica, raça ou fé. A atitude de acolhimento a todos que o Evangelho exige, obriga-nos a pensar como, do ponto de vista de políticas públicas, conseguimos garantir acolhimento e humanismo, respeitando os que estão e os que vêm. Na encíclica *Fratelli Tutti* o papa Francisco convida todos os católicos a esta reflexão. No momento que vivemos, esperamos também, agora do papa Leão XIV, uma reflexão orientadora da Igreja sobre as tecnologias e a inteligência artificial, que oferecem soluções extraordinárias e riscos imensos e representam uma transformação sem precedentes.

Testemunho de integridade

Para além dos temas concretos que a Igreja vai propondo e atualizando, sempre ancorada no Evangelho, as exigências prendem-se, porventura até mais, com o modo como a ação política é desenvolvida: no empenho colocado na preparação, no sentido de serviço à comunidade, na escuta ativa permanente, na liberdade interior, no desprendimento. Lembrando as palavras do Papa Francisco, faz sentido que os católicos se questionem seriamente sobre as condições que têm para se envolverem na causa pública através da política, porque aí a sua ação pode ser diferenciadora. Mas para que a ação política seja desenvolvida em conformidade com o

Evangelho, é preciso que seja exercida com liberdade e desprendimento. Tal implica desenvolvimento profissional prévio que dê condições de independência e permita enfrentar o risco de passar a usar a política em seu benefício e não em serviço da comunidade. O mundo da política tem contornos muito próprios, mas é feito de pessoas e onde estão pessoas e problemas para resolver em benefício de todos, devem estar os políticos. Não propriamente para serem porta-vozes das posições da Igreja, que tem as suas formas institucionais de se fazer ouvir e atuar, mas para genuinamente procurarem ser sinal e imagem de Cristo na sua ação. O desafio é muito grande, mas o Espírito Santo está sempre disponível para ser escutado.

As perguntas colocadas no início servem como mote para a discussão e reflexão. Certamente não podem deixar de ser consideradas na reflexão individual de cada um. Nesse exercício, importa lembrar que em Portugal não há partidos confessionais (que professem uma confissão religiosa), cujo modelo constitucional assenta numa divisão entre a esfera religiosa e a esfera política, o que não significa que os políticos não possam trazer o seu pensamento e as suas convicções para enriquecer o programa e a ação dos vários partidos políticos. Importa, por fim, sublinhar, que a Igreja aponta caminhos e ajuda a traduzir no dia de hoje a mensagem de Cristo expressa nos Evangelhos e que a última medida da nossa ação é sempre a nossa consciência.

PARA DISCUTIR

“O que é ser um católico na política? Numa democracia assente num modelo partidário, como a que temos em Portugal, um católico só se pode envolver em alguns partidos políticos, ou em todos há lugar para os católicos?”

- Organizem um debate (membros a favor, membros contra, e moderadores) tentando responder a estas pergunta, lançadas pelo autor, à luz do tema que acabaram de ouvir.

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Em equipa decidimos um tema que seja de discussão no espaço político e que ao longo do mês nos vamos dedicar a estudar para trazer luz aos debates em que participarmos.

PARA REZAR

Oração de São Tomás de Aquino

Criador Inefável,

Vós que sois a fonte verdadeira da luz e da ciência,
derramai sobre as trevas da minha inteligência um raio da vossa claridade.

Dai-me inteligência para compreender,

memória para reter,

facilidade para aprender,

sutileza para interpretar

e graça abundante para falar.

Meu Deus, semeai em mim a semente da vossa bondade.

Fazei-me pobre sem ser miserável,

humilde sem fingimento,

alegre sem superficialidade,

sincero sem hipocrisia;

que faça o bem sem presunção,

que corrija o próximo sem arrogância,

que admita a sua correção sem soberba;

que a minha palavra e a minha vida sejam coerentes.

Concedei-me, Verdade das verdades,

inteligência para conhecer-Vos,

diligência para Vos procurar,

sabedoria para Vos encontrar,

uma boa conduta para Vos agradar,

confiança para esperar em Vós,

constância para fazer a Vossa vontade.

Orientai, meu Deus, a minha vida;

concedei-me saber o que me pedis

e ajudai-me a realizá-lo

para o meu próprio bem

e de todos os meus irmãos.

Amém.

O CÂNTICO DAS CRIATURAS



SOBRE

ECOLOGIA INTEGRAL



«Diz-me, por favor, como é que posso sair daqui»,
pediu Alice. «Isso depende em grande parte de
para onde gostavas de ir», respondeu o gato.

LEWIS CARROLL,
AUTOR INGLÊS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Chamado a cultivar e guardar o jardim do mundo (cf. Gn 2, 15), o homem detém uma responsabilidade específica sobre o ambiente de vida, ou seja, sobre a criação que Deus pôs ao serviço da sua dignidade pessoal, da sua vida: e isto não só em relação ao presente, mas também às gerações futuras. É a questão ecológica — desde a preservação do « habitat » natural das diversas espécies animais e das várias formas de vida, até à « ecologia humana » propriamente dita — que, no texto bíblico, encontra luminosa e forte indicação ética para uma solução respeitosa do grande bem da vida, de toda a vida. Na realidade, « o domínio conferido ao homem pelo Criador não é um poder absoluto, nem se pode falar de liberdade de "usar e abusar", ou de dispor das coisas como melhor agrade.

A limitação imposta pelo mesmo Criador, desde o princípio, e expressa simbolicamente com a proibição de "comer o fruto da árvore" (cf. Gn 2, 16-17), mostra com suficiente clareza que, nas relações com a natureza visível, nós estamos submetidos a leis, não só biológicas, mas também morais, que não podem impunemente ser transgredidas ».

São João Paulo II, Encíclica Evangelium vitae (1995), 42

PARA COMEÇAR

Cântico das Criaturas, São Francisco de Assis

Altíssimo, onnipotente, bom Senhor,
a ti o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.
A ti só, Altíssimo, se hão-de prestar
e nenhum homem é digno de te nomear.
Louvado sejas, ó meu Senhor, com todas as tuas criaturas,
especialmente o meu senhor irmão Sol,
o qual faz o dia e por ele nos alumias.
E ele é belo e radiante, com grande esplendor:
de ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã Lua e as Estrelas:
no céu as acendeste, claras, e preciosas e belas.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão Vento
e pelo Ar, e Nuvens, e Sereno, e todo o tempo,
por quem dás às tuas criaturas o sustento.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã Água,
que é tão útil e humilde, e preciosa e casta.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão Fogo,
pelo qual alumias a noite:
e ele é belo, e jucundo, e robusto e forte.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pela nossa irmã a mãe Terra,
que nos sustenta e governa, e produz variados frutos,
com flores coloridas, e verduras.
Louvado sejas, ó meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor
e suportam enfermidades e tribulações.
Bem-aventurados aqueles que as suportam em paz,
pois por ti, Altíssimo, serão coroados.
Louvado sejas, ó meu Senhor, por nossa irmã a Morte corporal,
à qual nenhum homem vivente pode escapar:
Ai daqueles que morrem em pecado mortal!
Bem-aventurados aqueles que cumpriram a tua santíssima vontade,
porque a segunda morte não lhes fará mal.
Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças
e servi-o com grande humildade...

PARA O TEMA

A expressão ecologia integral combina ecologia, do grego oikos (“casa”) + logia (“estudo”), ou seja, o estudo das relações que sustentam a nossa “casa comum”, com a palavra integral, que vem do latim integer (“inteiro, intacto”). Este conceito, uma das propostas-chave do pontificado do Papa Francisco, indica uma abordagem ecológica que seja completa, ou seja, que integre não só as dimensões ambientais, mas também sociais, económicas, culturais e espirituais da vida.

Para compreender o que é e a que nos desafia a ecologia integral, bem como a sua importância para a Doutrina Social da Igreja Católica, importa reconhecer que a Igreja não foi pioneira nos temas ecológicos, mas tem-se vindo a preocupar com eles há décadas. Vários papas, bispos, teólogos e grupos eclesiais abriram caminho para uma consciência ecológica cristã. Com o crescimento do movimento ecologista e a maior sensibilidade social e política, especialmente desde a década de 1970, a Igreja aprofundou o seu pensamento sobre as causas dos problemas ambientais.

Em 1971, o Papa Beato Paulo VI abordou a problemática ecológica na carta apostólica *Octogesima Adveniens*, alertando para a exploração da natureza e os seus riscos. Em 1972, no discurso na Conferência das Nações Unidas dedicada ao Meio Ambiente (Estocolmo '72), reconheceu que a proteção do ambiente é um imperativo do nosso tempo. São João Paulo II denunciou o uso ilimitado da técnica e apelou a uma conversão ecológica global e a um novo olhar sobre a natureza. Na encíclica *Centesimus Annus* (1991), introduziu o conceito de ecologia humana, ligando a crise ecológica à crise cultural. Bento XVI reforçou esses apelos na encíclica *Caritas in Veritate* (2009), afirmando que o desenvolvimento sustentável deve equilibrar crescimento económico, justiça social e proteção ambiental.

Em 2015, num contexto global de crescente urgência climática e na véspera do Acordo de Paris — importante tratado internacional que reuniu o compromisso dos líderes mundiais face às alterações climáticas — o Papa Francisco publicou a carta encíclica *Laudato si'*: Sobre o cuidado da casa comum, com a intenção de contribuir para o debate e também de sensibilizar a Igreja Católica para a emergência da atual crise climática. É neste documento que, em linha com o pensamento dos seus antecessores, propõe o conceito de ecologia integral. Esta encíclica teve ampla

aceitação dentro e fora da Igreja, sendo possivelmente um dos textos católicos mais lidos fora do contexto religioso, graças à capacidade do Papa Francisco de comunicar questões complexas de forma simples e concreta. Inspirou comunidades religiosas a reverem as suas opções ecológicas (do ambiente às finanças), assim como a criação de movimentos como o Movimento Laudato Si' e a Plataforma Laudato Si', que mobilizam a comunidade católica para a justiça climática e ecológica. Em Portugal, motivou a criação da Rede Cuidar da Casa Comum e animou projetos como a Casa Velha — Ecologia e Espiritualidade, que promovem o cuidado da casa comum e o desenvolvimento integral. Fora do mundo cristão, inspirou o texto muçulmano Al Mizan (A Balança), que partilha preocupações semelhantes.

Para a fé católica, cuidar do meio ambiente, da terra e de todos os seres vivos não é opcional. Sendo Deus o criador de tudo e amando a sua criação, chama-nos a fazer o mesmo. No entanto, na encíclica Laudato si', a relação entre o ser humano e a natureza é apresentada como tendo sido rompida e em conflito, fruto de uma visão distorcida do lugar e do papel do ser humano. O Papa Francisco aborda esta visão distorcida lembrando que o relato do Génesis que diz “enchei e dominai a terra” não significa a destruição daquilo que nos foi confiado para proveito da nossa existência, e afirma: “Não somos Deus. A terra existia antes de nós e foi-nos dada. (...) hoje devemos rejeitar com firmeza a ideia de que, por termos sido criados à imagem de Deus e recebermos o domínio sobre a terra, isso justifique um domínio absoluto sobre outras criaturas” (Laudato si', 67).

Perante os desafios ambientais, o Papa considera neste documento que a raiz da crise ecológica é humana e deve-se sobretudo ao paradigma tecnocrático vigente (a visão de que a tecnologia resolve tudo), bem como a um excesso de antropocentrismo (o homem como medida de todas as coisas). Ao não saber o seu lugar na relação com o mundo, o ser humano deixa de se compreender bem a si próprio e aos outros. Uma das ideias-chave da encíclica Laudato si' é, por isso, a de que a crise que vivemos não é apenas ambiental: “Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental” (Laudato si', 139). Nesse sentido, as respostas aos desafios atuais não podem passar apenas pela técnica e pela tecnologia, mas pedem abordagens éticas, relacionais e espirituais. Uma vez que tudo está interligado — uma das expressões que mais ressoou desta encíclica — é necessária uma ecologia integral, ou seja, uma ecologia que inclua as dimensões ambiental,

económica, social, cultural e espiritual, e que permita “ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (Laudato si’, 49). Esta ecologia, que vai para além do ambientalismo, liga o cuidado com o planeta ao cuidado com as pessoas, em particular as mais vulneráveis. Deve ser vivida com alegria e autenticidade, em abertura ao transcendente, deve promover o desenvolvimento integral da pessoa humana (o desenvolvimento de todas as dimensões da pessoa) e ser inseparável da noção do bem comum e da justiça intergeracional.

Para melhor compreender esta proposta, e o título desta encíclica, é necessário também olhar para a figura que o Papa Francisco considera ser modelo de ecologia integral, e que o inspirou ao longo do seu pontificado: São Francisco de Assis. Padroeiro da ecologia, costuma ser associado apenas ao seu amor pela natureza e pelos animais. Mas a história de vida de Francisco de Assis revela que ele estava profundamente atento aos desafios do seu tempo, como a pobreza, os juros opressivos, a lepra e os conflitos numa época marcada pelas Cruzadas. Após um encontro místico com Deus, no qual Francisco ouve Jesus dizer-lhe: “Francisco, vai e reconstrói a minha casa, que, como vês, está em ruínas”, renuncia a todos os bens materiais da sua família para viver uma experiência mais próxima dos pobres e em harmonia com os elementos da terra e todos os seres vivos.

O título da encíclica vem da expressão “Laudato si’, mi’ Signore” do Cântico das Criaturas, escrito por São Francisco de Assis — e que significa “Louvado sejas, meu Senhor”. Neste texto de louvor, São Francisco apresenta a terra como nossa irmã e mãe. O subtítulo da encíclica — Sobre o cuidado da casa comum — reforça a ideia da interligação dos desafios, o sentido de pertença e a necessidade de uma cultura de cuidado.

A partir destas palavras, o Papa Francisco chama a atenção para uma nova relação entre humanos e todos os seres vivos. A terra é a nossa casa comum, um espaço partilhado por todos, que foi maltratado e que, por isso, precisa do nosso cuidado. Para reconhecermos o nosso lugar no mundo, o Papa Francisco propõe a contemplação como caminho para descobrir Deus em todas as coisas, pois “contemplar a criação é escutar uma mensagem, ouvir uma voz paradoxal e silenciosa”, e porque a revelação divina acontece não só pelos textos sagrados, mas também “no fulgor do sol e na queda da noite” (Laudato si’, 85).

Contemplar permite-nos perceber a nossa ligação com todos os seres vivos e viver o “espanto e a maravilha” (Laudato si’, 11) que inspirou São Francisco a louvar a criação. Essa intimidade com a natureza pode levar-nos espontaneamente ao cuidado e à sobriedade. Sem esse sentido de fraternidade, “a nossa atitude será a de senhores, consumidores, exploradores implacáveis, incapazes de colocar limites às suas necessidades imediatas” (Laudato si’, 11).

A ecologia integral continua a ser um desafio para o nosso tempo e um paradigma com valor para o mundo. Perante as guerras que se intensificam e persistem, os ecossistemas ameaçados, as catástrofes naturais que impactam sobretudo os mais pobres, o consumismo e a cultura do descarte, as desigualdades e uma economia que não cuida verdadeiramente de tudo e de todos, torna-se cada vez mais urgente reparar as nossas relações através de uma conversão que seja também ecológica. A conversão ecológica, já proposta por São João Paulo II, é aprofundada pelo Papa Francisco como parte de uma espiritualidade que “nos pode motivar a uma preocupação mais apaixonada pela proteção do mundo” (Laudato si’, 216). Trata-se de um itinerário interior que leve cada pessoa e cada comunidade a transformar a sua ação com todos e com tudo, a partir do encontro com Jesus. Cada um de nós é desafiado a “reconhecer os próprios erros, pecados, vícios ou negligências, e arrepender-se de coração, mudar a partir de dentro” (Laudato si’, 118). Como lembra o Papa Leão XIV na sua Mensagem para o X Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação 2025: “Chegou verdadeiramente o tempo de dar seguimento às palavras com obras concretas. (...) Trabalhando com dedicação e ternura, muitas sementes de justiça podem germinar, contribuindo para a paz e a esperança.” A nossa fé tem de se traduzir em ação concreta na realidade. Por isso, deve refletir-se em todas as nossas opções de vida: na forma como nos relacionamos connosco próprios, na forma como cuidamos dos outros e do que nos rodeia, nas nossas opções de consumo e no modo como trabalhamos. O nosso estilo de vida e as nossas relações devem procurar refletir o Evangelho. A ecologia integral é assim um paradigma relacional, que convida a cuidar das nossas relações para darmos mais fruto e construirmos o Reino – a relação comigo, com os outros, com a terra e todos os seres que nela habitam e com Deus – sabendo que “o mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor.” (Laudato si’, 12)

PARA DISCUTIR

- Qual tem sido a minha postura perante o tema da ecologia integral? Levo-o a sério? Em que medida este tema mudou a minha perspetiva?
- Falamos muito sobre mudança, mas o que impede a ação concreta?
- A ecologia integral propõe que os problemas ambientais e sociais têm a mesma raiz. Se isto for verdade, como deveria mudar a forma como olhamos para questões como pobreza, saúde mental, consumismo, desigualdade ou crise climática? Em que medida esta visão desafia a ideia de que “basta reciclar” ou mudar hábitos individuais?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Dedicar tempo à contemplação da criação (à luz da Catequese “Curar o Mundo”: 7. Cuidado da Casa Comum e atitude contemplativa) e fazer um exame de consciência ecológico (disponível em pontosj.pt).

PARA APROFUNDAR

- Encíclica Laudato Si’, Papa Francisco
- Filme “A Carta”
- Participar numa atividade da Casa Velha, lugar de ecologia e espiritualidade em Ourém.
- Conhecer:
 - Movimento Laudato Si’ .<https://laudatosimoviment.org/pt/>
 - A Plataforma Laudato Si’ - <https://plataformadeacaolaudatosi.org>
 - Os Objetivos Laudato Si’ - <https://plataformadeacaolaudatosi.org/objetivos-laudato-si/>
 - A Rede Cuidar da Casa Comum - <https://casacomum.pt/>
 - A Economia de Francisco - <https://francescoeconomy.org/>
- Vídeos do Ponto SJ sobre a Doutrina Social da Igreja - Podcast Ponto de Cruz
 - Ponto de Cruz | Episódio de Apresentação
 - Ponto de Cruz | Episódio 1 : Dignidade da pessoa humana
 - Ponto de Cruz | Episódio 2 : Bem comum
 - Ponto de Cruz | Episódio 3 : Subsidiariedade
 - Ponto de Cruz | Episódio 4 : Solidariedade
- Vídeo do Ponto SJ sobre Ecologia Integral
 - Ep. 02: Ecologia | Ponto de Cruz Europeias

PARA REZAR

Oração pela nossa Terra, Papa Francisco

Deus onipotente,
Que estais presente em todo o Universo,
E na mais pequenina das tuas criaturas,
Vós que envolveis a Terra com a Vossa ternura,
Tudo o que existe,
Derramais em nós a força do Vosso amor,
Para cuidarmos da vida e da beleza.
Inundai-nos de paz,
Para que vivamos como irmãos e irmãs,
Sem prejudicar ninguém.
Ó Deus dos pobres,
Ajudai-nos a resgatar os abandonados e esquecidos da Terra,
Que valem tantos aos Vossos olhos.
Curai a nossa vida,
Para que protejamos o mundo e não o desprezemos,
Para que semeemos beleza e não poluição e destruição.
Tocais os corações daqueles que buscam apenas benefícios,
À custa dos pobres e da Terra.
Ensinai-nos a descobrir o valor de cada coisa,
A contemplar com encanto,
A reconhecer que estamos profundamente unidos com todas as criaturas,
No nosso caminho para a Vossa luz infinita.
Obrigado por estares connosco todos os dias.
Sustentai-nos, por favor, na nossa luta,
Pela justiça, o amor, e a paz.

*Carta Encíclica Laudato Si', sobre o cuidado da casa comum

GUERRA E PAZ



SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS NAÇÕES



Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.

Jo 13, 34-35

Ao logo dos séculos, a Igreja, seguindo estes ensinamentos, apontou sempre para o Reino dos Céus, com a consciência, contudo, de que vivemos num mundo dos homens marcado pela desordem internacional e, mais grave ainda, pelo conflito armado. Por isso, a melhor maneira para se compreender a sua posição sobre as questões da guerra, da paz e das relações internacionais, na atualidade – pois ela foi naturalmente evoluindo ao longo dos tempos, como o foram as próprias sociedades, a política, e também a tecnologia –, é a de que se desenvolve na tensão dialética entre o ideal (o apelo evangélico à paz, que é de todos os tempos) e o real (as condicionantes históricas, que variam com o momento e, por vezes, levam ao conflito).

É a partir desta tensão, entre a prossecução do ideal evangélico e a resposta aos reptos da realidade histórica, que a Igreja tem sempre procurado incentivar e apoiar a criação de uma “comunidade internacional” de Estados que, no entanto – e apesar de elementos positivos, como a afirmação do direito internacional e a criação de organizações internacionais – está ainda longe de se constituir numa “verdadeira comunidade” caracterizada pela concórdia.

PARA COMEÇAR

Do Evangelho segundo São João

^{14,27*} «Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz. Não é como a dá o mundo, que Eu vo-la dou. Não se perturbe o vosso coração nem se acobarde.

^{28*} Ouvistes o que Eu vos disse: 'Eu vou, mas voltarei a vós.' Se me tivésseis amor, havíeis de alegrar-vos por Eu ir para o Pai, pois o Pai é mais do que Eu. ^{29*} Digo-vo-lo agora, antes que aconteça, para credes quando isso acontecer. ³⁰ Já não falarei muito convosco, pois está a chegar o dominador deste mundo; ele nada pode contra mim, ^{31*} mas o mundo tem de saber que Eu amo o Pai e actuo como o Pai me mandou. Levantai-vos, vamo-nos daqui!»

PARA O TEMA

Protagonismo internacional

Através da Santa Sé – reconhecida pelos países como interlocutora soberana – a Igreja desenvolve na política internacional um protagonismo assente no pressuposto de que há uma ordem dada da realidade, na qual fomos acolhidos e à qual todos pertencemos, que torna possível uma conceção partilhada do bem comum, da pessoa humana e da razão humana. Como afirma o Papa João XXIII na sua encíclica *Pacem in Terris* (1963), escrita no rescaldo da grande crise atômica dos Misseis de Cuba: “A unidade universal do convívio humano é um fato perene. É que o convívio humano tem por membros seres humanos que são todos iguais por dignidade natural. Por conseguinte, é também perene a exigência natural de realização, em grau suficiente, do bem comum universal, isto é, do bem comum de toda a família humana.” (4ª parte, 131)

A Santa Sé tem, hoje em dia, relações diplomáticas com 184 países e cerca de 40 organizações internacionais. Mas desde há muito que a Igreja dá importância à exigente formação de um corpo diplomático entre o clero, tendo para tal fundado, em 1701, a Pontifícia Academia Eclesiástica. Os seus diplomatas – os núncios – representam oficialmente o Papa junto dos governos de diversos países e de várias organizações internacionais e são como os seus olhos e ouvidos um pouco por todo o mundo.

Como a larga maioria dos países existentes, a Santa Sé é signatária da Convenção de Viena das Relações Diplomáticas (1961), bem como de outros importantes acordos internacionais, sobre diversos domínios da vida humana, reconhecendo assim a importância do direito internacional como regulador indispensável das relações internacionais. Além do mais é, também, observadora permanente da ONU, desde 1964, participando ativamente nas reuniões dos seus vários órgãos e nos debates que aí decorrem. De facto, a chamada diplomacia multilateral – ou multilateralismo – realizada especialmente através das organizações internacionais, tem vindo a adquirir grande relevância para a Igreja: “O caminho rumo a uma autêntica «comunidade» internacional, que assumiu uma precisa direção com a instituição da Organização das Nações Unidas em 1945, é acompanhado pela Igreja (...).

A doutrina social, em geral, considera positivamente o papel das organizações intergovernamentais, (...) ainda que experimentando reservas quando estas enfrentam de modo incorreto os problemas.” (Compêndio da Doutrina Social da Igreja, Cap. XI, III a), 440)

A Igreja vê a diplomacia – bilateral e multilateral – como o instrumento pacífico por excelência das relações entre os povos. E, não obstante, o seu entendimento sobre a natureza e a centralidade dela, vai muito para além da sua valorização secular, que é meramente instrumental ou técnica. O Papa Francisco é claro nessa matéria: “O objetivo da diplomacia é o de ajudar a deixar de lado os dissabores da convivência humana, favorecer a concórdia e experimentar como, superando as areias movediças da conflitualidade, podemos redescobrir o sentido da unidade profunda da realidade.” (Comunicação ao Corpo Diplomático, 10 de Janeiro de 2022)

É que para a Igreja a diplomacia e o direito internacional são insuficientes se não forem orientados por princípios e valores: “A convivência entre as nações funda-se nos mesmos valores que devem orientar aquele entre os seres humanos: a verdade, a justiça, a solidariedade e a liberdade. O ensinamento da Igreja, acerca dos princípios constitutivos da Comunidade Internacional, exige que as relações entre os povos e as comunidades políticas encontrem a sua justa regulamentação na razão, na equidade, no direito, no acordo, enquanto que exclui o recurso à violência e à guerra, a formas de discriminação, de intimidação e de engano.” (Compêndio da Doutrina Social da Igreja, Cap. XI, II a), 433).

A Paz bem entendida

A Igreja está empenhada na desafiante missão de construir a paz na terra. Não admira, por isso, que as primeiras palavras do Papa Leão XIV à multidão que o aclamava na Praça de São Pedro tenham sido “A paz esteja convosco!” Contudo, importa sublinhar que ao proferir esta saudação, o novo Papa parte de um entendimento de paz bastante mais amplo do que o da paz percebida apenas como ausência de conflitos armados. Já os Papas João XXIII e Paulo VI declararam em plena Guerra Fria, respetivamente na *Pacem in Terris* (1963) e na *Gaudium et Spes* (1965), que a paz não pode existir onde há injustiça, desigualdades profundas, poder pelo poder ou corridas armamentistas. Mais recentemente, na *Laudato Si* (2015), coube ao Papa Francisco lembrar-nos que não cuidar da Criação e que destruir os recursos das nações mais frágeis também impede a

verdadeira paz.

Acresce que não é só ao nível macro que a busca da paz se deve realizar. Para a Igreja Católica o caminho da concórdia universal faz-se identicamente ao nível micro, no tecido social do nosso país, no bairro em que vivemos, na família a que pertencemos. Ela só pode ser reposta através do acolhimento, da amizade e – o que é mais desafiante – através do perdão. Na encíclica *Fratelli Tutti* (2020), o Papa Francisco exorta-nos precisamente a reconhecer o potencial pacificador do perdão e da reconciliação: “A verdade é que nenhuma família, nenhum grupo de vizinhos ou uma etnia e menos ainda um país tem futuro, se o motor que os une, congrega e cobre as diferenças é a vingança e o ódio. (...) Assim não se ganha nada e, a longo prazo, perde-se tudo. (...) É necessário reconhecer na própria vida que inclusive aquele juízo duro que tenho no coração contra o meu irmão ou a minha irmã, a ferida não curada, aquele mal não perdoado, o rancor que só me faz mal, é uma parte de guerra que tenho dentro, é um fogo no coração que deve ser apagado a fim de não irromper num incêndio.” (Cap. VII, 241 e 242)

A Guerra como exceção

Também sobre a guerra, a Igreja tem um magistério próprio, assente numa doutrina amadurecida ao longo dos tempos. A sua posição geral é a de promover a paz sem reservas e a de advogar com persistência a prevenção e o término da guerra. Não obstante, e tal como consta do *Compendio da Doutrina Social da Igreja*, considera igualmente que a guerra de agressão é intrinsecamente imoral e que, no caso trágico de ela acontecer, “os responsáveis por um Estado agredido têm o direito e o dever de organizar a defesa inclusive recorrendo à força das armas.” (Cap. XI, III, a), 500) Ou seja, admite que em certas situações a legítima defesa pode exigir, em último recurso, o uso da força militar.

Esta possibilidade está sujeita, porém, a certos princípios e critérios exigentes que, de modo sintético, são os seguintes: Primeiro, considerações pré-guerra (*jus ad bellum*) – pressupõe uma causa justa, uma intenção certa, uma autoridade legítima, proporcionalidade e probabilidade de sucesso. Segundo, considerações durante a guerra (*jus in bellum*) – que as disposições do direito internacional humanitário sejam plenamente respeitadas e que, mais importante, o bem da pessoa humana tenha precedência sobre os interesses das partes em conflito.

Como sabemos, o desenvolvimento e o uso de armas nucleares, químicas e biológicas, no século passado e, mais recentemente, o acelerado progresso tecnológico— Inteligência Artificial, drones, ciber-ataques, etc. — têm tido um impacto inegável sobre a maneira de se fazer guerra. As novas armas têm o poder de infligir danos sem precedentes e indiscriminados sobre civis inocentes e sobre infraestruturas não militares e o ecossistema em geral. Este aumento significativo do poder destrutivo preocupa muito a Igreja, que tem procurado desenvolver reflexão sobre estas matérias e, inclusive repensar os critérios da própria doutrina da guerra justa. Não é, por isso, difícil compreender a visível preocupação do Papa Francisco, com o recrudescimento dos conflitos armados no período do seu pontificado: “É verdade que nunca a humanidade teve tanto poder sobre si mesma, e nada garante que o utilizará bem. Assim, já não podemos pensar na guerra como solução, porque provavelmente os riscos sempre serão superiores à hipotética utilidade que se lhe atribua.” (Fratelli Tutti (2020), cap. VII, 258)

PARA DISCUTIR

- A violência é sempre inevitável? Como conciliar o “não matarás” com a “legítima defesa”? a doutrina da guerra justa ainda protege a dignidade humana ou tornou-se um argumento para legitimar conflitos?
- A verdadeira paz é muito mais do que a ausência de guerra. Achas que a nossa geração compreende a paz com apenas “não haver guerra”? Que exemplos atuais mostram que se pode viver num país sem guerra e ainda assim sem paz?
- Se dependesse só de ti, que passo pequeno e concreto tomarias esta semana para construir paz — na tua família, no trabalho, na universidade ou no teu interior?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

PARA APROFUNDAR

- Compêndio da Doutrina Social da Igreja (2004), Cap. XI A Promoção da Paz
- Catecismo da Igreja Católica (1992), §§2302–2306 e §§2307–2317.
- Carmine di Martino (2025), Paz e Guerra no Magistério da Igreja, Revista Passos – litterae communionis, Abril-Maio-Junho, pp. 28–32.

PARA REZAR

Oração pela paz, Papa João Paulo II

Deus dos nossos pais, grande e misericordioso,
Senhor da paz e da vida, Pai de todos.
Tu tens projectos de paz e não de aflição,
condenas as guerras e abates o orgulho dos violentos.
Tu enviaste o teu Filho Jesus para anunciar a paz
A quem está perto e a quem está longe,
A reunir os homens de todas as raças e línguas numa só família.
Escuta o grito unânime dos teus filhos, súplica sincera de toda a
humanidade:
Nunca mais a guerra, espiral de lutos e de violências;
Ameaça para todas as tuas criaturas no céu, na terra e no mar.
Em comunhão com Maria, a mãe de Jesus, Te suplicamos:
Fala ao coração dos responsáveis pelo destino dos povos,
Pára a lógica da vingança,
Sugere com o teu Espírito soluções novas,
Gestos generosos e honrados,
Espaços de diálogo e de espera paciente
Mais fecundos que os ritmos acelerados da guerra.
Concede ao nosso tempo dias de paz.
Nunca mais a guerra!

MAGNIFICAT

A minha alma glorifica o Senhor E o meu espírito se
alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua Serva: De
hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas
as gerações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas: Santo é o
seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em
geração, Sobre aqueles que o temem. Manifestou o
poder do seu braço E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos E exaltou os
humildes. Aos famintos encheu de bens, E aos ricos
despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo, Lembrado da sua
misericórdia, Como tinha prometido a nossos pais, A
Abraão e à sua descendência para sempre.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, Como era no
princípio, agora e sempre. Amen.



MAGNIFICAT

A minha alma glorifica o Senhor E o meu espírito se
alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua Serva: De
hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas
as gerações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas: Santo é o
seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em
geração, Sobre aqueles que o temem. Manifestou o
poder do seu braço E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos E exaltou os
humildes. Aos famintos encheu de bens, E aos ricos
despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo, Lembrado da sua
misericórdia, Como tinha prometido a nossos pais, A
Abraão e à sua descendência para sempre.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, Como era no
princípio, agora e sempre. Amen.

